
**38ª SEMANA DE ESTUDOS
CLÁSSICOS DA UFRJ**

REPÚBLICA E DEMOCRACIA

**CONCEITOS ANTIGOS
CRISES MODERNAS**

27, 28 e 29 de AGOSTO de 2019
Faculdade de Letras



Ouvidoria
UFRJ



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



PPGFIL
Programa de Pós-Graduação em Filosofia



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS CLÁSSICAS
Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora: Denise Pires de Carvalho
Vice-reitor: Carlos Frederico Leão Rocha

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Sonia Cristina Reis

DECANIA

Decana: Cristina Grafanassi Tranjan

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS

Chefe: Fábio Frohwein de Salles Moniz | Subchefe: Eduardo Boechat

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Coordenador: Ricardo de Souza Nogueira | Vice-coordenadora: Arlete José Mota

38ª SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFRJ

República e Democracia: conceitos antigos, crises modernas

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (Presidente da Comissão)
Prof. Dr. Pedro Ribeiro Martins (Vice-Presidente da Comissão)
Profa. Dra. Arlete José Mota
Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz
Prof. Dr. Luiz Karol
Prof. Dr. Pedro da Silva Barbosa
Prof. Ms. Rafael de Almeida Semêdo
Prof. Dr. Rainer Guggenberger
Prof. Dr. Renan Moreira Junqueira
Prof. Dra. Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

Comissão Científica

Profa. Dra. Ana Thereza Basilio Vieira (UFRJ)
Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (UFRJ)
Prof. Dr. Eduardo Murtinho Braga Boechat (UFRJ)
Prof. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ)
Prof. Dr. Pedro Baroni Schmidt (UFRJ)
Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira (UFRJ)
Profa. Dra. Tania Martins Santos (UFRJ)

Comissão Executiva

Amanda Alevato de Sant'Anna (Graduanda-UFRJ)
Elio Marques de Souto Junior (Doutorando-PPGLC)
Felipe Marques Maciel (Mestrando-PPGLC-UFRJ)
Gabriele Oliveira Rodrigues (Graduanda-UFRJ)
Lucia Pestana (Graduanda-UFRJ)
Marcelle Mayne (Graduanda-UFRJ)
Stefania Giglio (Doutoranda-PPGLC-UFRJ)
Wallace Pontes (Mestrando-PPGLC)
Zildene Paz de Souza (Doutoranda-PPGLC)

Secretária

Roseane Barroso Franco

Imagem de capa

View of the Acropolis from the Pnyx, de Rudolf Müller (1863). Benaki Museum, Athens, Greece.

Diagramação e projeto gráfico

Felipe Marques Maciel

38ª SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFRJ
República e Democracia: conceitos antigos, crises modernas

SUMÁRIO

1. CONFERÊNCIAS

- República “com” e “sem” democracia: conceitos antigos, traduções modernas
Prof. Dr. Paulo Butti de Lima (Università degli Studi di Bari — Itália) 2
- Ação voluntária, erro, ignorância e deliberação na democracia ateniense:
lendo Tucídides com lentes de Aristóteles 2
Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UNB)
- Corrupção contemporânea e romana: desenho do debate 2
Prof. Dr. Fábio Faversani (UFOP)
- ‘*Me caeco qui ante non uiderim*’: Cícero e o mau governante 3
Profa. Dra. Claudia Beltrão (UNIRIO)

2. MESAS-REDONDAS

1. Justiça e política antiga

- Democracia e justiça em Aristóteles 3
Prof. Dr. Daniel Nascimento (UFRJ)
- Notas sobre democracia, educação e classes sociais na Grécia Antiga 3
Prof. Dr. Gustavo Frade (UFJF)
- A oposição entre democracia e oligarquia durante a Guerra do Peloponeso 3
Prof. Dr. Félix Jácome (FAPESP-USP)

2. Retórica na política

- Discurso tirânico e *parrhesia* na tragédia grega 4
Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli (UFPB)
- Crise democrática na Atenas do séc. IV: o discurso *Areopagítico* de Isócrates 4
Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (UFRJ)
- Formas de governo e Ensino de História Antiga:
debate sobre o vocabulário político na sala de aula 4
Profa. Dra. Priscilla Gontijo Leite (UFPB)

3. Democracia hoje

- O jogo “Religiões & Religiosidades”: um instrumento didático em prol do respeito religioso 5
Prof. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)
- Crise, modernidade e democracia 5
Prof. Dr. Vladimir Puzone (UNB)

SUMÁRIO

A destruição da democracia e as tarefas da resistência democrática Prof. Dr. Rodrigo de Souza Dantas (UNIRIO)	<u>5</u>
---	-----------------

3. OFICINAS

Oficina de animação de mitos (ANIMAMITO)	<u>6</u>
--	-----------------

Introdução às abreviaturas em obras raras latinas e gregas (NDLC)	<u>6</u>
---	-----------------

4. COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Mesa coordenada 1

Simbolismo do som e <i>veritas poetica</i> na poesia latina antiga Fábio Frohwein de Salles Moniz	<u>7</u>
---	-----------------

A esperança no cais — uma proposta de tradução rítmica em Horácio Walace Pontes de Mendonça	<u>7</u>
---	-----------------

O poema IV de Catulo

Abrahão Joaquim de Santana, Artur de Freitas Gouvêa, Bruce Willis Porto Lemos, Debora Deziderio Souto, Elaine Guedes de Barros, Esther Marques Ferreira de Almeida, Isaias Rosa da Silva, Marlon Yuri Jesus, Pietro Marchiori, Thays Souza, Zelma Zaniboni	<u>7</u>
---	-----------------

Mesa coordenada 2

Um estudo de caso acerca da convergência entre linguagem augural e terminologia filosófica no <i>De rerum natura</i> : os <i>simulacra</i> divinos como <i>nuntia</i> (6. 76-77) Maria de Nazareth Eichler Sant'Angelo	<u>8</u>
--	-----------------

Os <i>signa</i> atuantes na estruturação do poder imperial romano e sua reapropriação na atualidade: um estudo de caso através da análise fílmica Claudia dos Santos Gomes	<u>8</u>
--	-----------------

Conquista e Emaranhamento no Império Romano: As diferentes linguagens no culto às divindades femininas plurais Érika Vital Pedreira	<u>8</u>
---	-----------------

Mesa coordenada 3

Catálogo de obras didáticas e de literatura infanto-juvenil com a temática greco-romana publicadas no Brasil Katia Teonia Costa de Azevedo	<u>9</u>
--	-----------------

A Reforma Capanema e o ensino do latim Rhenan Carlos Araujo Pinheiro	<u>9</u>
--	-----------------

SUMÁRIO

<i>Iliada, Odisseia e Eneida</i> — A adaptação dos clássicos greco-romanos para crianças e jovens no Brasil Mariana Correia Jabor	<u>9</u>
5. COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	
Do louvor à crítica — a lírica temática cristã na Antiguidade e na Idade Média: dois exemplos Álvaro Alfredo Bragança Júnior	<u>10</u>
Considerações acerca do herói Héracles em Eurípedes Amanda Alevato de Sant’Anna	<u>10</u>
As estratégias afetivas das ordens dirigentes romanas de 11 a.C. até 1 d.C. Amanda Lemos Fontes	<u>10</u>
A jornada, a origem e a Vida: a presença de Mercúrio e Baco em <i>Primeiras estórias</i> Amanda Lisbôa Marinho da Silva	<u>10</u>
Clientelismo militar na Roma Antiga: um estudo sobre a relação soldado-general no século 1 a.C. Amanda Prima Borges	<u>11</u>
Discurso, identidade e patronagem na literatura da Antiguidade Tardia: perspectivas de gênero (séc. IV e V d.C.) Amanda Reis dos Santos	<u>11</u>
<i>Díkē</i> e <i>hýbris</i> em Hesíodo e Sólon Andrezza de Oliveira Santos Pequeno	<u>11</u>
A ilusão da autonomia: Platão “contra” a escrita (e os terraplanistas) Antonio Lessa Kerstenetzky	<u>12</u>
Jogos didáticos para o aprendizado de latim Arianne Souza da Silva	<u>12</u>
Um poeta na cidade, um usurário no campo — ironias e reflexões em Horácio Arlete José Mota	<u>12</u>
O tradutor no campo político: autocensura na tradução das <i>Sátiras</i> de Juvenal por Francisco Bastos Beatriz Cardeal da Silva	<u>13</u>
O governo de Calígula no <i>De Vita Caesarum</i> , de Suetônio: relações de poder e autocracia Braulio Costa Pereira	<u>13</u>
Um vocábulo monstruoso: κῆτος, πέλωρ, θήρ, τέρας e φήρ como referências ao imaginário helenos dos “monstros” Camila Alves Jourdan	<u>13</u>

SUMÁRIO

Anito e o suborno em processos jurídicos Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar	<u>13</u>
O prefácio da <i>Batalha da Alma</i> Carlos Eduardo Schmitt	<u>14</u>
A relação entre os nomes, os significados e os atos em <i>Crátilo</i> de Platão e em <i>Histórias Inacreditáveis</i> de Paléfato Caroline Caetano de Freitas	<u>14</u>
Cleópatra VII: Faces de uma mulher inventada por homens Caroline Honoratto Teles	<u>14</u>
Linguagem feminina e masculina na <i>Medeia</i> de Eurípides Clara Lacerda Crepaldi	<u>15</u>
Propostas de leitura para o termo imperator em inscrições em latim Danilo Oliveira Nascimento Julião	<u>15</u>
As imagens da <i>Lex</i> : Uma análise visual da narrativa greco-romana na decoração do Palácio Tiradentes Douglas de Souza Liborio	<u>15</u>
Mito na <i>Astronômica</i> de Manílio Eduardo Boechat	<u>15</u>
Traduzindo as constelações de Pseudo-Eratóstenes: Ursa Maior, Boieiro e Touro Eduardo Duarte Moreira	<u>15</u>
A análise crítica do discurso e a pesquisa nos estudos clássicos: uma metodologia interdisciplinar Elio Marques de Souto Junior	<u>16</u>
Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret Esther da Silva Martins	<u>16</u>
Discussões sobre o status dos trabalhadores nas <i>uillae</i> (II a.C. – I d.C.) Fabiana Martins Nascimento	<u>16</u>
O <i>érôs</i> homérico e o <i>érôs</i> platônico: a semântica do amor na <i>Iliada</i> e no <i>Banquete</i> Felipe Marques	<u>17</u>
As relações familiares na comédia latina do período helenístico Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza	<u>17</u>
A mulher e o poder na Roma Republicana: Terência e Fúlvia Francisco de Assis Florencio	<u>17</u>

SUMÁRIO

Fábula esópica e coesão cívica no <i>Ab Urbe Condita</i> II. 32.5-12, de Tito Lívio Gabriel Castilho de Andrade Gil	<u>17</u>
As Referências Socráticas no Livro I das <i>Diatribai</i> de Epicteto Gabriel Heil Figueira da Silva	<u>18</u>
“Leitor, preste atenção”: o conto de Cupido e Psique como narrativa folclórico-literária Gabriel Paredes Teixeira	<u>18</u>
<i>Medea Fracta</i> — uma análise das personagens da tragédia <i>Medeia</i> de Sêneca Gabriele Oliveira Rodrigues	<u>18</u>
Cristianismo paulino e o estoicismo: uma análise comparada Ian Ferreira Bonze	<u>19</u>
Políticas de unificação linguística e territorial: o que o Império Romano ensinou à Itália? Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves	<u>19</u>
Oralidade e Escrita em tensão, no contexto de transmissão do <i>euangéllion</i> do I séc. A. D. Jessica Candida Ferreira	<u>19</u>
Tradução de <i>Speculum stultorum</i> , de Nigel de Longchamps Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito	<u>19</u>
Emoções e epítetos emocionais na <i>Odisseia</i> João Pedro Barros Guerra Farias	<u>20</u>
Ateísmo na Antiguidade: indícios de criminalização institucional e repúdio social Jônatas Ferreira de Lima Souza	<u>20</u>
Jogos didáticos em latim: contexto, ludismo e interdisciplinaridade Larissa Barreto Castineiras	<u>20</u>
A batalha pela <i>Res Publica</i> através das cartas: o papel da epistolografia nas obras filosóficas de Cícero Lucas Amaya	<u>21</u>
Verbos Irregulares Gregos Lucas Feitosa Bezerra	<u>21</u>
A Níobe ovidiana e o paradigma da <i>mater orba</i> Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva	<u>21</u>
Glossário de topônimos latinos do Brasil em <i>Historia navigationis in Brasiliam</i> : algumas considerações Lucia Pestana da Silva	<u>22</u>
Análise das reconstruções performáticas do fragmento de <i>Orestes</i> de Eurípides Luciana Brivio	<u>22</u>

SUMÁRIO

O século de Augusto (27 a.C-14 d.C) e as mães romanas: uma análise da construção da maternidade como um dever cívico Luisa Amado Monteiro	<u>22</u>
Os personagens tirânicos de Platão: os casos de Cálicles e Trasímaco Luiz Eduardo Freitas	<u>23</u>
Que República? Qual Democracia? A experiência das sociedades cívicas da Antiguidade e os dilemas do Brasil atual Manuel Rolph Cabeceiras	<u>23</u>
(Des)continuidades na categorização do sistema nominal latino ao longo da tradição Marcelle Mayne Ribeiro da Silva	<u>23</u>
<i>Ficta persona</i> : o espaço autobiográfico em Fedro Marcelo Rocha Brugger	<u>24</u>
Desejo pelo poder: filosofia e política em Platão Marcos Tadeu Neira Miranda	<u>24</u>
Marcial e a propaganda política: um esboço sobre a adulação ao imperador Domiciano Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha	<u>24</u>
Ártemis e os cnídios: identidade e integração em contextos de crise Mateus Mello Araujo da Silva	<u>25</u>
A cidade como corpo: por uma estética do lugar em Platão Matheus Oliveira Damião	<u>25</u>
O poema <i>Aetna</i> : uma abordagem comparativa com Virgílio Matheus Trevizam	<u>25</u>
<i>Basileis e ánaktes</i> : senhores e estruturas de poder em Homero Rafael de Almeida Semêdo	<u>25</u>
Catálogo de Ilustrações sobre indígenas no acervo da Biblioteca Nacional Raysa Ortiz Blyth	<u>26</u>
A representação das Musas na poesia horaciana Renan Moreira Junqueira	<u>26</u>
Homero híbrido: a tradução da <i>Iliada</i> por Odorico Mendes Renan Paiva da Silva	<u>26</u>
A crítica da riqueza em Eurípides Renata Cardoso de Sousa	<u>26</u>

SUMÁRIO

Cerveja, Psicopatologia Fundamental e Cultura: um exercício de abdução a partir de uma leitura do <i>Velho Testamento</i> Romero Jasku Bastos	<u>27</u>
Etimologia, poesia e profecia: o nome próprio na tragédia grega Sharon Suane Silva do Carmo	<u>27</u>
Personagens homéricas e suas diferentes interpretações: sereias e o feminismo Tayná Sanches Pereira Costa	<u>27</u>
<i>As Heroinae</i> de Júlio César Escalígero, seleção e tradução Thamara Martins Santos de Moraes	<u>27</u>
Sexo e punição na poesia latina Weberson Fernandes Grizoste	<u>28</u>

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

TERÇA-FEIRA | 27 de agosto de 2019

8h—9h CREDENCIAMENTO Auditório E-2

9h—9h30 ABERTURA OFICIAL Auditório E-2

9h30—10h30 CONFERÊNCIA I Auditório E-2

República “com” e “sem” democracia: conceitos antigos, traduções modernas | Prof. Dr. Paulo Butti de Lima (Università degli Studi di Bari — Itália)

10h30—11h COFFEE BREAK

11h—12h30 MESA-REDONDA I Auditório E-2

Justiça e política antiga: Prof. Dr. Daniel Nascimento (UFRJ), Prof. Dr. Gustavo Frade (UFJF) e Prof. Dr. Félix Jácome (FAPESP-USP).

12h30—14h INTERVALO PARA ALMOÇO

14h—15h40 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS 1

Mesa 1 | Auditório E-2

A conversa no *Laques* de Platão — um estudo instrumental | Prof. Dr. Auto Lyra (UFRJ) — Moderador

O *érôs* homérico e o *érôs* platônico: a semântica do amor na *Ilíada* e no *Banquete* | Felipe Marques (UFRJ-LHIA)

Anito e o suborno em processos jurídicos | Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar (PPGF-UFRJ)

As Referências Socráticas no Livro I das *Diatribai* de Epicteto | Gabriel Heil Figueira da Silva (UFRJ)

Mesa 2 | Sala H-122

Basileis e *ánaktes*: senhores e estruturas de poder em Homero | Rafael de Almeida Semêdo (UFRJ) — Moderador

Homero híbrido: a tradução da *Ilíada* por Odorico Mendes | Renan Paiva da Silva (UFRJ)

Dikē e *hýbris* em Hesíodo e Sólon | Andrezza de Oliveira Santos Pequeno (UFRJ)

Emoções e epítetos emocionais na Odisseia | João Pedro Barros Guerra Farias (LHIA-UFRJ)

Mesa 3 | Auditório E-3

Um poeta na cidade, um usurário no campo — ironias e reflexões em Horácio | Profa. Dra. Arlete José Mota (UFRJ) — Moderadora

Jogos didáticos em latim: contexto, ludismo e interdisciplinaridade | Larissa Barreto Castineiras (UFRJ)

Jogos didáticos para o aprendizado de latim | Arianne Souza da Silva (UFRJ)

A análise crítica do discurso e a pesquisa nos estudos clássicos: uma metodologia interdisciplinar | Ms. Elio Marques de Souto Junior (UFRJ)

Mesa 4 | Sala F-223

Políticas de unificação linguística e territorial: o que o Império Romano ensinou à Itália? | Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves (IFF)

“Leitor, preste atenção”: o conto de Cupido e Psique como narrativa folclórica-literária | Ms. Gabriel Paredes Teixeira (LHIA-UFRJ)

As imagens da Lex: Uma análise visual da narrativa greco-romana na decoração do Palácio Tiradentes | Douglas de Souza Liborio (IH-UFRJ)

As *Heroinae* de Júlio César Escalígero, seleção e tradução | Thamara Martins Santos de Moraes (UFRJ)

16h—17h40 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS 2

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

Mesa 5 | Sala F-203

Do louvor à crítica — a lírica de temática cristã na Antiguidade e na Idade Média: dois exemplos | Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ) — Moderador

O Prefácio da *Batalha da Alma* | Ms. Carlos Eduardo Schmitt (USP)

Cerveja, Psicopatologia Fundamental e Cultura: Um exercício de abdução a partir de uma leitura do *Velho Testamento* | Ms. Romero Jasku Bastos (UFRJ)

Cristianismo paulino e o estoicismo: uma análise comparada | Ian Ferreira Bonze (LHIA-UFRJ)

Mesa 6 | Auditório E-3

Mito na *Astronômica* de Manílio | Prof. Dr. Eduardo Boechat (UFRJ) — Moderador

Traduzindo as constelações de Pseudo-Eratóstenes: Ursa Maior, Boieiro e Touro | Eduardo Duarte Moreira (UFRJ)

A Níobe ovidiana e o paradigma da *mater orba* | Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva (UFRJ)

O tradutor no campo político: autocensura na tradução das *Sátiras* de Juvenal por Francisco Bastos | Beatriz Cardeal da Silva (ECO-UFRJ)

Mesa 7 | Auditório E-2

Linguagem feminina e masculina na *Medeia* de Eurípides | Dra. Clara Lacerda Crepaldi (USP) — Moderadora

A crítica da riqueza em Eurípides | Dra. Renata Cardoso de Sousa (LHIA-UFRJ)

Considerações acerca do herói Hércules em Eurípides | Amanda Alevato de Sant'Anna (UFRJ)

Análise das reconstruções performáticas do fragmento de *Orestes* de Eurípides | Luciana Brivio (UFRJ)

Mesa 8 | Sala F-205

Que República? Qual Democracia? A experiência das sociedades cívicas da Antiguidade e os dilemas do Brasil atual | Manuel Rolph Cabeceiras (UFF) — Moderador

O governo de Calígula no *De Vita Caesarum*, de Suetônio: relações de poder e autocracia | Ms. Braulio Costa Pereira (UFRJ | CUCL)

Marcial e a propaganda política: um esboço sobre a adulação ao imperador Domício | Ms. Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha (UFRJ)

As estratégias afetivas das ordens dirigentes romanas de II a.C. até I d.C. | Amanda Lemos Fontes (PPGHC-UFRJ)

18h—19h20

OFICINA II

Auditório E-2

Introdução às abreviaturas em obras raras latinas e gregas (NDLC)



QUARTA-FEIRA | 28 de agosto de 2019

8h—9h30

OFICINA I

Auditório E-2

Oficina de animação de mitos (ANIMAMITO)

9h30—10h30

CONFERÊNCIA II

Auditório E-2

Ação voluntária, erro, ignorância e deliberação na democracia ateniense: lendo Tucídides com lentes de Aristóteles | Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UNB)

10h30—11h

COFFEE BREAK

11h—12h30

MESA-REDONDA II

Auditório E-2

Retórica na política: Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli (UFPB), Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (UFRJ), Profa. Dra. Priscilla Gontijo Leite (UFPB)

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

12h30—14h INTERVALO PARA ALMOÇO

14h—15h40 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS 3

Mesa 9 | Auditório E-2

Moderador: Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

As relações familiares na comédia latina do período helenístico | Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza (UFRJ)

Medea Fracta — uma análise das personagens da tragédia *Medeia* de Sêneca | Gabriele Oliveira Rodrigues (UFRJ)

Ficta persona: o espaço autobiográfico em Fedro | Ms. Marcelo Rocha Brugger (UFMG)

Personagens homéricas e suas diferentes interpretações: sereias e o feminismo | Ms. Tayná Sanches Pereira Costa (UFRJ)

Mesa 10 | Sala H-102

Um vocábulo monstruoso: κῆτος, πέλωρ, θήρ, τέρας e φήρ como referências ao imaginário helenos dos “monstros” |

Profa. Dra. Camila Alves Jourdan (UFRJ) — Moderadora

Oralidade e Escrita em tensão, no contexto de transmissão do *euangéllion* do I séc. A. D | Jessica Candida Ferreira (UFRJ)

Etimologia, poesia e profecia: o nome próprio na tragédia grega | Sharon Suane Silva do Carmo (UFRJ)

Verbos Irregulares Gregos | Lucas Feitosa Bezerra (UFRJ)

Mesa 11 | Sala H-318

A mulher e o poder na Roma republicana: Terência e Fúlvia | Prof. Dr. Francisco de Assis Florencio (UERJ) — Moderador

Discurso, identidade e patronagem na literatura da Antiguidade Tardia: perspectivas de gênero (séc. IV e V d.C.) |

Amanda Reis dos Santos (UFRJ)

O século de Augusto (27 a.C-14 d.C) e as mães romanas: uma análise da construção da maternidade como um dever

cívico | Luisa Amado Monteiro (LHIA-UFRJ)

Cleópatra VII: Faces de uma mulher inventada por homens | Caroline Honoratto Teles (UFRJ)

Mesa 12 | Sala H-320

A representação das Musas na poesia horaciana | Prof. Dr. Renan Moreira Junqueira (UFRJ) — Moderador

Propostas de leitura para o termo imperator em inscrições em latim | Ms. Danilo Oliveira Nascimento Julião (UFRJ)

Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*: algumas considerações | Lucia Pestana da Silva (UFRJ)

(Des)continuidades na categorização do sistema nominal latino ao longo da tradição | Marcelle Mayne Ribeiro da Silva (UFRJ)

Mesa 13 | Auditório E-2

O poema *Aetna*: uma abordagem comparativa com Virgílio | Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG) — Moderador

Sexo & punição na poesia latina | Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)

Fábula esópica e coesão cívica no *Ab Urbe Condita* II. 32.5-12, de Tito Lívio | Ms. Gabriel Castilho de Andrade Gil (UFMG)

A jornada, a origem e a Vida: a presença de Mercúrio e Baco em *Primeiras estórias* | Amanda Lisboa Marinho da Silva (UFRJ)

Mesa 14 | Sala H-221

Moderador: Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

Desejo pelo Poder: Filosofia e Política em Platão | Dr. Marcos Tadeu Neira Miranda (USP)

A relação entre os nomes, os significados e os atos em *Crátilo* de Platão e em *Histórias Inacreditáveis* de Paléfato | Caroline Caetano de Freitas (UFRJ)

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

A ilusão da autonomia: Platão 'contra' a escrita (e os terraplanistas) | Antonio Lessa Kerstenetzky (USP)

A cidade como corpo: por uma estética do lugar em Platão | Ms. Matheus Oliveira Damião (UFRJ)

Os personagens tirânicos de Platão: os casos de Cálicles e Trasímaco | Ms. Luiz Eduardo Freitas (USP)

Mesa 15 | Sala H-320

A batalha pela *Res Publica* através das cartas: o papel da epistolografia nas obras filosóficas de Cícero | Ms. Lucas Amaya (UFRJ) — Moderador

Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps | Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito (UFRJ)

Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret | Esther da Silva Martins (UFRJ)

Catálogo de ilustrações sobre indígenas no acervo da Biblioteca Nacional | Raysa Ortiz Blyth (UFRJ)

Mesa 16 | Sala H-318

Moderação: Prof. Dr. Ticiano Lacerda (UFRJ)

Ateísmo na Antiguidade: indícios de criminalização institucional e repúdio social | Ms. Jônatas Ferreira de Lima Souza (UFRJ)

Clientelismo militar na Roma antiga: um estudo sobre a relação soldado-general no século I a.C. | Amanda Prima Borges (PPGHC-UFRJ)

Ártemis e os cnídeos: identidade e integração em contextos de crise | Mateus Mello Araujo da Silva (UFF)

Discussões sobre o status dos trabalhadores nas *uillae* (II a.C. – I d.C.) | Fabiana Martins Nascimento (LHIA-UFRJ)

18h—19h20

OFICINA II

Auditório E-2

Introdução às abreviaturas em obras raras latinas e gregas (NDLC)



QUINTA-FEIRA | 29 de agosto de 2019

8h—9h30

OFICINA I

Auditório E-2

Oficina de animação de mitos (ANIMAMITO)

9h30—10h30

CONFERÊNCIA III

Auditório E-2

Corrupção contemporânea e romana: desenho do debate | Prof. Dr. Fábio Faversani (UFOP)

10h30—11h

COFFEE BREAK

11h—12h30

MESA-REDONDA III

Auditório E-2

Democracia hoje: Profa. Dra. Regina Bustamante (UFRJ), prof. Dr. Vladimir Puzone (UNB), prof. Dr. Rodrigo Dantas (UNIRIO)

12h30—14h

INTERVALO PARA ALMOÇO

14h—15h40

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS 1

Mesa 1 | Auditório E-2

Simbolismo do som e *veritas poetica* na poesia latina antiga | Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ) — Coordenador

A esperança no cais — uma proposta de tradução rítmica em Horácio | Wallace Pontes de Mendonça (UFRJ)

O poema IV de Catulo | Artur de Freitas Gouvêa, Isaias Rosa da Silva, Debora Deziderio Souto, Esther Marques Ferreira de Almeida, Marlon Yuri Jesus, Thays Souza, Elaine Guedes de Barros, Abrahão Joaquim de Santana, Pietro Marchiori, Bruce Willis Porto Lemos, Zelma Zaniboni (mestrandos e granduandos — Escola de Música da UFRJ)

Mesa 2 | Sala H-120

Um estudo de caso acerca da convergência entre linguagem augural e terminologia filosófica no *De rerum natura*: os *simulacra* divinos como *nuntia* (6. 76-77) | profa. Dra. Maria de Nazareth Eichler Sant'Angelo (UNIRIO) — Coordenadora
Os signa atuantes na estruturação do poder imperial romano e sua reapropriação na atualidade: um estudo de caso através da análise filmica | Ms. Claudia dos Santos Gomes (UFRJ)

Conquista e Emaranhamento no Império Romano: As diferentes linguagens no culto às divindades femininas plurais | Profa. Dra. Érika Vital Pedreira (UFF)

Mesa 3 | Sala H-118

Catálogo de obras didáticas e de literatura infanto-juvenil com a temática greco-romana publicadas no Brasil | Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ) — Coordenadora

A Reforma Capanema e o ensino do latim | Rhenan Carlos Araujo Pinheiro (UFRJ)

Iliada, *Odisseia* e *Eneida* — A adaptação dos clássicos greco-romanos para crianças e jovens no Brasil | Mariana Correia Jabor (UFRJ)

16h—17h40

CONFERÊNCIA IV

Auditório E-2

'Me caeco qui ante non uiderim': Cícero e o mau governante | profa. Dra. Claudia Beltrão (UNIRIO)

17h40

ENCERRAMENTO

Auditório E-2

APRESENTAÇÃO

Os antigos conceitos greco-latinos de *res publica* e de *demokratía* ajudaram a formar indubitavelmente sólida base para a teoria e a prática da política no Ocidente. Desde a Antiguidade, as noções de público e privado, igualdade, equidade e liberdade de fala e de direitos, por exemplo, permearam o debate feito por aqueles que já pensavam a política e a sociedade na Grécia e em Roma. Desde Homero, sabemos de práticas coletivas de tomadas de decisões que eram comuns entre os gregos, o que mais tarde se formalizou com a instituição de instâncias elementares para a democracia em Atenas: as assembleias e tribunais. Em Roma, no antigo período monárquico, reis não subiam ao trono por hereditariedade, mas eram eleitos pelo senado, até o momento em que este passou a eleger cônsules, dando início ao período republicano.

É certo que, mesmo na Idade Antiga, a República e a Democracia tiveram seus momentos de crise, o que não fizeram com que fossem esquecidas, todavia. Através dos séculos, novas repúblicas se formaram após a queda da Roma ocidental, a despeito dos tantos impérios monárquicos que também se formaram na Europa e no Oriente. Valores republicanos e democráticos vez ou outra foram retomados e derrubados no cíclico curso de nossa História. Nos últimos dois séculos, as repúblicas paulatinamente se estabeleceram em grande parte do mundo, no papel de organizações políticas muitas vezes mais justas e democráticas após a Revolução Francesa e, sobretudo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

No séc. XXI, vivemos tempos sombrios, entretanto. Sabemos que agora passamos por um período de governantes que ameaçam nossa democracia e nossos direitos republicanos fundamentais em todo o mundo. Por essa razão, nós do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ escolhemos o presente tema para este evento, por entendermos a necessidade de se debater o que os antigos têm a nos ensinar sobre as origens da República e da Democracia, a fim de que não esqueçamos de sua necessidade e possamos encarar as investidas retrógradas e despóticas com maior sabedoria e conhecimento, além de ampliarmos cada vez mais a discussão não apenas no ambiente acadêmico, mas sobretudo fora dele.

RESUMOS

CONFERÊNCIA I

República “com” e “sem” democracia: conceitos antigos, traduções modernas

Prof. Paulo Butti de Lima (Università degli Studi di Bari — Itália)

A longa história da incorporação do termo “democracia” nas línguas modernas europeias tem seu início com a tradução em latim da *Política* de Aristóteles no século XIII. A partir desse momento, um novo vocabulário transforma o léxico político herdado da língua latina de época clássica, integrando-o em um novo esquema conceitual. Palavras como política, *politia* ou democracia são relacionadas a *respublica* e a outros termos próprios à interpretação latina do mundo das cidades e dos impérios. No momento em que Leonardo Bruni, no início do século XV, prepara uma nova tradução da *Política*, em substituição à versão de Guilherme de Moerbeke, o que está em jogo não é somente a “correta tradução” (*de interpretatione recta*) dos textos gregos, mas a visão mesma da realidade política antiga e atual. O processo de tradução dos textos antigos modifica a compreensão das novas situações históricas e das transformações políticas do mundo contemporâneo.



CONFERÊNCIA II

Ação voluntária, erro, ignorância e deliberação na democracia ateniense: lendo Tucídides com lentes de Aristóteles

Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UNB)

Na crítica que faz aos reveses políticos provocados pela guerra entre Gregos liderados de um lado por Esparta e, de outro, por Atenas, Tucídides sutilmente desvenda-nos elementos da ética política subjacentes às deliberações dos envolvidos no conflito. Alguns desses elementos aparecerão de forma mais sistematizada em Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, e revelam as preocupações dos Gregos quanto à responsabilidade individual e coletiva nos processos de tomada de decisão, e quanto à necessidade de educação para a política nesse sentido (no caso de Aristóteles). Em minha palestra, vou discutir a ação voluntária, o erro, a ignorância e a deliberação na forma como aparecem em momentos de decisão dos atenienses da História de Tucídides e o que diz Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, sobre tais aspectos como constituintes da ética, com vistas a provocar algumas questões: O que a narrativa de Tucídides tem a nos dizer sobre a ação voluntária e a deliberação democrática? Como os líderes da democracia ateniense, tal como aparecem em Tucídides, interferem para prevenir/estimular decisões tomadas por ignorância ou ações involuntárias? Como os atenienses lidavam com o erro decorrente de decisão coletiva? Que tipos de ignorância podem informar decisões coletivas em democracias?



CONFERÊNCIA III

Corrupção contemporânea e romana: desenho do debate

Prof. Dr. Fábio Favarsani (UFOP)

A corrupção é um fenômeno que tem pautado crescentemente os debates modernos em diversas frentes: funcionamento das democracias, em particular a competição eleitoral e a dinâmica econômica tanto das economias centrais quanto das periféricas são exemplos. Essa pauta pública levou a uma crescente atenção para o tema da corrupção por parte de estudiosos de diferentes especialidades. Tal movimentação também se fez perceber nos estudos sobre a Antiguidade, sobretudo naqueles dedicados a Roma. O propósito dessa conferência é fazer um breve balanço das novas perspectivas de estudo sobre a corrupção e examinar um caso particular que exemplifique os desafios específicos colocados para os antiquistas que se dedicam ao estudos de temas impulsionados pela pauta pública contemporânea.

'Me caeco qui ante non uiderim': Cícero e o mau governante

Profa. Dra. Claudia Beltrão (UNIRIO)

O tema ciceroniano do “bom governante” depende tanto da experiência política de Cícero em seu próprio tempo e lugar, um tema muito explorado e debatido, como de sua reflexão teórica com base em um intenso diálogo com o pensamento helenístico, tema menos explorado pelos estudiosos. E este tema surge de modo disperso em seus diálogos filosóficos, seus discursos e sua correspondência. Concentrarei a apresentação não no exame das virtudes propugnadas por Cícero para o “bom governante”, mas nos vícios do “mau governante”. Mais propriamente, em um vício particular, a *'temeritas'*. Tal escolha se deu por dois motivos: por um lado, um excelente estudo recentemente publicado por L. Traversa; por outro, o atual contexto político-cultural. Para Traversa, a natureza da *'temeritas'* é mais comportamental que teórica, levando à imprudência, à iracúndia, à mentira, à negligência, sendo a principal fonte da corrupção. Eu gostaria, contudo, de chamar a atenção para o fato de que este conceito também pertence à reflexão teórica de Cícero, inserido em uma complexa questão epistemológica no âmbito da Nova Academia. Concentrarei a atenção nos *'Academicci libri'*, dada a sua influência decisiva na obra filosófica de Cícero. Defenderei que há uma implicação filosófica singular da *'temeritas'* que está ligada a julgamentos e opiniões, e não apenas a ações. Vinculada ao tema do *'error in adsentiendo'*, torna-se o vício que ofusca a visão e o pensamento.

MESAS-REDONDAS

1. Justiça e política antiga

Democracia e justiça em Aristóteles

Prof. Dr. Daniel Nascimento (UFRJ)

Aristóteles foi o primeiro filósofo que concebeu a democracia como uma espécie de destino político dos seres humanos. Segundo ele, há uma lógica interna de crescimento e desenvolvimento das comunidades políticas que tende a fazer com que elas se tornem, mais cedo ou mais tarde, democracias. Dado que para Aristóteles a democracia propriamente dita é, por definição, um regime injusto, a atribuição de um tal destino político aos seres humanos pode parecer um caso de mau agouro. Nessa palestra, falarei brevemente sobre os recursos que a filosofia aristotélica nos fornece para mitigar, e quiçá até mesmo desfazer, uma tal impressão, para então discutir em que medida podemos dizer que o filósofo reconhece a possibilidade de que existam democracias justas. Como veremos, para que essa afirmação possa ser sustentada e devidamente compreendida, devemos, em primeiro lugar, saber distinguir entre a maneira como a democracia foi concebida por Aristóteles e a maneira como nós a concebemos hoje, e, em segundo lugar, compreender no que exatamente consiste, segundo o filósofo, a forma de justiça que vigora ou deve vigorar nas democracias.

Notas sobre democracia, educação e classes sociais na Grécia Antiga

Prof. Dr. Gustavo Frade (UFJF)

Este é um exercício de rastrear e refletir sobre a relação entre democracia, educação e classes sociais em textos representativos da reflexão grega antiga sobre o governo popular. O roteiro começa pela produção cultural da Atenas clássica, com a tragédia *Suplicantes*, de Eurípides, e com a posição crítica da *Constituição dos Atenienses*, atribuída a Xenofonte (ou Velho Oligarca). Em seguida, segue para a defesa e pela recusa da democracia no “Diálogo dos persas” de Heródoto (3, 80-83). O ponto final do trajeto são as considerações filosóficas de Platão (no *Protágoras* e na *República*) e de Aristóteles (em sua *Constituição dos Atenienses* e na *Política*). Em todas essas discussões antigas a democracia parece intrinsecamente associada ao governo exercido pela população pobre, e essa população pobre aparece, nos discursos aristocráticos, intrinsecamente sujeita a uma condição de alheamento à educação e à formação intelectual.

A oposição entre democracia e oligarquia durante a Guerra do Peloponeso

Prof. Dr. Félix Jácome (FAPESP-USP)

A partir da Guerra do Peloponeso, o pensamento político grego articulou, pela primeira vez, um forte contraste entre democracia e oligarquia. Esta contraposição nasceu, entre outros fatores, da necessidade de novas modalidades de justificativa da política imperialista de Atenas, uma vez que o velho argumento de angariar aliados com o nobre objetivo de

defender os gregos contra os persas tinha perdido poder explicativo depois da diminuição das hostilidades entre estes povos em decorrência da Paz de Cálias (~449 a.C). Nesta palestra, nós traçaremos duas características essenciais desta oposição neste período de extrema rivalidade entre Atenas e Esparta: a nascente preocupação destas cidades em “exportar” seus regimes políticos como os mais justos para as cidades aliadas ou submetidas; a crescente caracterização, feita pelos autores gregos, da oligarquia por meio da linguagem anteriormente utilizada para a tirania. Estes elementos apontam em direção a uma maior consciência da diferenciação entre oligarquia e democracia na reflexão política grega, que atingirá sua maturidade com a profunda investigação sobre as diferenças e características destes regimes políticos levada a cabo por Aristóteles em sua obra *Política*.

2. Retórica na política

Discurso tirânico e parrhesia na tragédia grega

Prof. Dr. Marco Colonnelli (UFPB)

A democracia ateniense possui como um dos valores fundamentais de sua instituição a liberdade de expressão, a parrhesia. Nesta sociedade em que o livre discurso fortalecia a igualdade entre os cidadãos, a liberdade de expressão atinge naturalmente a expressão artística. Assim, o teatro trágico, sobretudo, recebe este impacto e molda sua expressão dialógica de acordo com os debates políticos que a cidade protagoniza. Nele, os diálogos entre as personagens são repletos de tensão, sobretudo quando um rei mítico evoca reminiscências de tiranos ao se utilizar da força por meio de seu discurso. Neste embate, as personagens contrapostas a esses discursos assumem a figura do cidadão democrático, colocando em prática a parrhesia. Nesta comunicação, pretendo analisar alguns embates entre personagens extraídos de algumas tragédias que reforçam a liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, cumprem uma função estética na organização do espetáculo.

Crise democrática na Atenas do séc. IV: o discurso *Areopagítico* de Isócrates

Prof. Dr. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (UFRJ)

Durante o séc. v, a colina do Areópago exercia papel fundamental na vida política ateniense. Os areopagitas formavam o mais antigo Conselho, debatendo as questões mais importantes, além de atuar como um “Supremo Tribunal” para os crimes de homicídio, exercendo funções políticas e jurídicas da pólis. Todavia, após as reformas constitucionais de Clístenes e Elfíaltes, o Areópago perde parte de sua importância política, em razão da crescente influência dos democratas. Mais de um século depois, em meados do iv, os atenienses vivem a retomada de certo protagonismo perante os gregos, liderando a Segunda Liga Marítima, passadas algumas décadas da Guerra do Peloponeso, num aparente momento de tranquilidade política. Porém, buscando alertar os cidadãos para a importância que o tribunal do Areópago deveria voltar a exercer na cidade, Isócrates compõe o discurso *Areopagítico*, ficcionalmente proferido naquela colina, a fim de exortar os atenienses a uma nova reforma política, visto que a antiga Constituição teria levado Atenas a um momento de lassidão, muito em razão do então poder limitado conferido aos areopagitas. A presente comunicação tem como objetivo analisar excertos do discurso que são significativos para a compreensão do pensamento político do autor, que vê na política democrática de seu tempo uma decadência da imagem da cidade diante dos demais gregos. Embora não seja propriamente um teórico da democracia, Isócrates oferece aqui valiosos ensinamentos de sua doutrina política, alinhada a seu ideal de *paideia*, que encontra em sua filosofia pragmática as diretrizes para o exercício da antiga democracia que precisa ser restaurada.

Formas de governo e Ensino de História Antiga: debate sobre o vocabulário político na sala de aula

Profa. Dra. Priscilla Gontijo Leite (UFPB)

Diversas palavras de nosso vocabulário político são originárias da Antiguidade Clássica tais como *democracia*, *aristocracia*, *oligarquia*, *tirania*, *monarquia* e *república*. O conhecimento dessas palavras é fundamental para preparar o sujeito para o debate político. Uma das maneiras de apreender sobre seus sentidos é numa perspectiva histórica, apresentando como essas palavras foram empregadas na Antiguidade, em que havia uma disputa de sentidos concorrentes, com prevalência de uns sobre outros, até se aproximar do conceito que temos na atualidade. É o caso do termo *democracia*, que na Antiguidade esteve muitas vezes associada a aspectos negativos, recebendo ferrenhas críticas, e que hoje tem uma conotação amplamente positiva, com a maioria dos governos se autoproclamando democratas. O objetivo dessa comunicação é apresentar os resultados do projeto Prolicen *Vocabulário Político da Antiguidade: reflexões para o exercício da cidadania* realizado nos anos de 2016 a 2019 na Universidade Federal da Paraíba. O projeto partiu da interdisciplinaridade entre História e Letras Clássicas para elaborar um material didático dedicado ao ensino das principais formas de governo a partir de textos da Antiguidade, como trecho de obras de Heródoto, Aristóteles e Políbio. O diferencial do material é a apresentação de uma tradução pensada para o público escolar, disposta ao lado do texto grego. A partir do material foram elaborados planos de aulas apresentados na rede pública de João Pessoa. As experiências pedagógicas foram capazes de promover a reflexão

sobre as formas de regime que foram importantes para os alunos entenderem conteúdos que iam além da História Antiga. Assim, acreditamos que compreender o vocabulário político na Antiguidade é, antes de tudo, uma maneira de estar atento aos discursos, com suas alterações no decorrer das épocas e sua configuração presente. Ter isso em mente é manter uma postura crítica quanto à importância de se reconhecer como ser político, parte de uma sociedade. O material busca criar essa ponte, ligando experiências históricas tão distantes no tempo e no espaço

3. Democracia hoje

O jogo “Religiões & Religiosidades”: um instrumento didático em prol do respeito religioso

Prof. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)

Infelizmente, o Brasil e, em especial, o Rio de Janeiro estão vivendo uma escalada crescente de intolerância religiosa, que afeta sobretudo as religiões de matrizes afro-brasileiras. É necessário nos posicionarmos e agirmos contra esta violência. Neste contexto, no primeiro período de 2019, ofereci a disciplina optativa “Religiões no mundo greco-romano” para o Curso de Graduação em História da UFRJ. Propus que, a partir das reflexões teóricas sobre história das religiões e estudos de alguns casos, a turma elaborasse um produto final coletivo a ser utilizado como instrumento didático contra a intolerância religiosa e fomentasse o respeito à diversidade religiosa, fundamentado no conhecimento e na compreensão das diferentes religiões e religiosidades em suas semelhanças e peculiaridades. Assim, surgiu o jogo “Religiões & Religiosidades”, baseado na dinâmica do jogo “Perfil 6” da Grow. Com até 10 dicas, o jogador (ou equipe) terá que descobrir quem é a pessoa, animal, vegetal, ritual, coisa, virtude, alimento, lugar, número e cor do item em cada carta. O jogador pode escolher entre 10 opções de dicas, uma de cada vez, até o momento em que dá a resposta correta identificando o item secreto da carta. Quanto menos dicas precisar usar, mais pontos fará. Para cada dica desperdiçada, o jogador-mediador, que está lendo as dicas, pontuará. No jogo “Perfil 6”, ganha o jogo quem alcançar a chegada primeiro. Diferentemente, no jogo “Religiões & Religiosidades”, ao fim e ao cabo, ganham todos os participantes e quanto mais dicas forem lidas, mais se aprende.

Crise, modernidade e democracia

Prof. Dr. Vladimir Puzone (UNB)

Eu gostaria de tecer algumas reflexões acerca do significado do termo “crise” nas sociedades modernas e sua relação com a crise da democracia. Começo abordando o vínculo necessário entre a constituição da sociedade burguesa e a ideia de crise, com base em algumas reflexões do historiador Reinhart Koselleck. Ou seja, não há como pensar as sociedades modernas sem a noção de uma crise permanente. Essas reflexões iniciais servirão de pano de fundo para discutir a atualidade do conceito de crise e suas múltiplas manifestações, em especial a crise da democracia liberal representativa. Esta crise não pode ser entendida sem que se considere outras formas de crise, como a econômica e a crise nas relações de reprodução. Para aprofundar o assunto, partirei de algumas noções trabalhadas por Wolfgang Streeck e por Nancy Fraser com a intenção de destacar como os modelos de representação política expressam o isolamento das formas pelas quais os indivíduos produzem e reproduzem suas vidas e as instituições políticas. Chamo atenção para o fato de que, embora esta seja uma característica inerente a nossas sociedades, tal separação tem se agravado com os processos de financeirização da economia nas últimas décadas, e que corresponde ao isolamento da política em relação ao cotidiano das pessoas. Isso ajudaria a entender sentimentos de ódio e ressentimento que são mobilizados atualmente.

A destruição da democracia e as tarefas da resistência democrática

Prof. Dr. Rodrigo de Souza Dantas (UNIRIO)

No quadro da ofensiva imperialista desencadeada pelos EUA com o objetivo de retomar o controle da AL, desde 2013/14 o Brasil é alvo de uma operação de guerra híbrida e não convencional conduzida internamente pela coalizão de classes dominantes e dirigentes que liderou a radicalizada ofensiva reacionária que desaguou no golpe de Estado de 2016 e na eleição altamente manipulada de 2018. Ao fim de trinta anos de democracia restrita, blindada, corrompida e tutelada pelo complexo de estruturas socioeconômicas, sociopolíticas e socioculturais de poder que historicamente dirigem o país, estamos diante de um governo militarista, dirigido pelas mesmas forças que conduziram o país durante os mais de vinte anos de ditadura militar-empresarial-imperialista, de inspiração neofascista e base popular teocrática, estrategicamente dirigido pelo propósito de restabelecer a ditadura no país, estreitamente ligado às milícias que controlam parte cada vez maior dos territórios de pobreza, inteiramente devotado ao desmonte do Estado, dos serviços públicos e do país, ao saque de nossas riquezas e à supressão de todos os limites, mediações e resistências que se oponham ao livre curso da voracidade ilimitada do capital. Diante do brutal retrocesso civilizatório que representa a emergência do poder burguês no Brasil na forma de uma teocracia militarizada, ou de um militarismo teocrático, três questões se impõem ao debate: a) como

caracterizar, na perspectiva da longa duração, as relações entre capitalismo e democracia? Que democracia é possível em países de capitalismo dependente? Que determinações econômicas, sociais, políticas, culturais e tecnológicas convergem hoje no processo de destruição da democracia em curso no Brasil e no mundo? b) qual a forma, o conteúdo e a dinâmica que assume a luta de classes numa época em que a reprodução cada vez mais destrutiva do capital caminha cada vez mais celeremente para por em xeque as condições elementares de nossa existência? O que são hoje as classes trabalhadoras? Qual o sujeito social da resistência democrática? c) o que ainda é possível fazer para salvaguardar as condições concretas de nossa existência coletiva e os princípios humanistas, iluministas e civilizatórios da democracia num mundo em que todas as esferas da produção e da reprodução social foram subsumidas ao capital e grande parte da força de trabalho socialmente existente caminha para tornar-se obsoleta e relativamente supérflua do ponto de vista da reprodução socialmente seletiva e excludente do capital?

OFICINAS

Oficina de animação de mitos (ANIMAMITO)

Profa. Dra. Simone Bondarczuk (UFRJ), Pedro Martins (UFRJ)

A oficina tem como proposta apresentar o desenvolvimento do projeto de extensão Animamito com a participação dos alunos da Escola Municipal Dilermando Cruz. Para tanto, os alunos farão uma apresentação do vídeo produzido por eles sobre o mito da limpeza dos estábulos do rei Áugias bem como da metodologia de trabalho desenvolvida para se chegar ao resultado final: reflexão sobre o mito, estabelecimento do enredo, criação do *storyboard* e dos personagens e animação com uso da técnica de *stopmotion*. Propor-se-á uma atividade semelhante aos participantes da oficina, tendo como mito base o *ágon* entre Poseidon e Atena para padroeiro da cidade de Atenas.

Introdução às abreviaturas em obras raras latinas e gregas (NDLC)

Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ), Prof. Dr. Pedro Barbosa (UFRJ), Prof. Dr. Rainer Guggenberger (UFRJ) e Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

Nos primórdios da tipografia renascentista era comum a imitação das abreviaturas usadas pelos copistas medievais que simbolizavam a ligação entre duas ou mais letras. Nesta oficina, de caráter prático, abordaremos as dificuldades e metodologias para lidar com a abundância de abreviaturas em obras raras escritas em grego e latim. Para tanto, trabalharemos com excertos do acervo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, expondo a metodologia de trabalho utilizada pelo Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, projeto de extensão que tem como um dos escopos, auxiliar as instituições que possuem acervos com obras raras a aperfeiçoar as fichas catalográficas destas obras em línguas clássicas. No primeiro dia, trataremos de ligaduras em língua latina e, no segundo, em língua grega. O objetivo da oficina é oferecer ao participante uma introdução às principais ligaduras encontradas nestas línguas e a possibilidade de identificar algumas delas em obras selecionadas previamente.

RESUMOS

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

ORDEM ALFABÉTICA: NOME DO COORDENADOR

Simbolismo do som e *veritas poetica* na poesia latina antiga

Fábio Frohwein de Salles Moniz (doutor — UFRJ)

Nosso objetivo com esta comunicação é aproximar os conceitos de simbolismo do som e de *veritas* poética, para fins de observância da métrica na produção de sentido e de proposição de performances musicais de poemas latinos antigos. Wolfgang Kayser, em *Análise e interpretação da obra literária*, observa que, no texto poético, a sonoridade das palavras não necessariamente reproduz um determinado som extrínseco ao poema, mas, e sobretudo, uma impressão visual ou qualquer outra impressão do exterior por meio do simbolismo dos sons (Lautsymbolik). No mundo antigo, Platão foi o primeiro a perceber a capacidade de a língua produzir sensações por meio de sua sonoridade, distinguindo sons “micro” e “macro” quanto à diferença de significados, a exemplo das vogais “i”, relacionada à ideia de pequenez, delicadeza; e “a”, com a de grandeza, magnanimidade. Marco Fábio Quintiliano, em sua *Institutio oratoria*, orienta o orador a empregar, em seu discurso, pés métricos condizentes com a natureza do assunto, sugerindo “pés rápidos”, como o troqueu, para uma argumentação enérgica e viva, mas “pés lentos” para a narração, em que se objetiva demonstrar e enraizar o assunto na alma da plateia. Dessa forma, podemos estabelecer pontos de contato entre o uso funcional da sonoridade do tecido verbal na Antiguidade clássica, e as interpretações simbólicas que poetas românticos e pós-românticos buscaram dar aos sons da língua. Nesta apresentação, utilizaremos a análise métrica como ponto de partida para a produção de performances musicais de poemas latinos antigos, buscando emular, por meio da oralização, alguns significados do texto original.

A esperança no cais — uma proposta de tradução rítmica em Horácio

Wallace Pontes de Mendonça (mestrando — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Esta comunicação objetiva apresentar nossa proposta de tradução rítmica da estrofe asclepiadeia, empregada na ode 1.14 por Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C). Segundo Marco Fábio Quintiliano (35-100 d.C) em *Institutio oratoria* 8.6.44, o referido poema consiste na alegoria de um navio que representa a República em deterioração. Além disso, o rétor latino ressalta que as ondas e tempestades do poema remetem às guerras civis; e o porto, à paz e à concórdia. Com base nessa leitura, aflora um eu poético aflito mas esperançoso, que alerta a embarcação sobre as condições em que ela se encontra e sobre os perigos iminentes. Desse modo, podemos pensar em nossa tradução não só como uma adaptação e um alerta frente às nossas condições contemporâneas, mas também como um grito de esperança. Ao partirmos das técnicas tradutórias de Carlos Alberto da Costa Nunes e Guilherme Gontijo Flores, buscamos emular o ritmo original do poema em tela como diretriz de nosso processo de tradução. Empregamos, adicionalmente, outros elementos poéticos, tais como cavalgamentos e aliteraões. Esta proposta encontra-se vinculada ao grupo Poemata, coordenado pelos professores Fábio Frohwein de Salles Moniz, da Faculdade de Letras (UFRJ), e Celso Garcia de Araújo Ramalho, da Escola de Música (UFRJ), cujo objetivo é traduzir performativamente poemas da Antiguidade clássica para arranjos musicais de camerata. Nesta apresentação, mostraremos algumas estratégias dessa abordagem de tradução, refletindo sobre procedimentos de emulação da sonoridade original do poema e levando em consideração características fonéticas divergentes entre latim e português.

O poema iv de Catulo

Artur de Freitas Gouvêa, Isaias Rosa da Silva, Debora Deziderio Souto, Esther Marques Ferreira de Almeida, Marlon Yuri Jesus, Thays Souza, Elaine Guedes de Barros, Abrahão Joaquim de Santana, Pietro Marchiori, Bruce Willis Porto Lemos, Zelma Zaniboni (mestrandos e granduandos — Escola de Música da UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Celso Garcia de Araújo Ramalho

O poema iv de Catulo, conhecido como *Phaselus ille* (*Aquele barco*), traduzido para o português e composto em forma de canção, é o ponto de escuta e encontro entre o projeto de extensão do CLA, o Garin “Comemorando a canção como reunião poética originária” (Escola de Música da UFRJ), e o grupo Poemata (Faculdade de Letras da UFRJ). Cada qual apresenta sua contribuição dentro das respectivas áreas de atuação: Letras e Música, numa escuta do poema que nos conduz para o processo de escansão dos pés métricos em trímetros jâmbicos puros, reverberando o movimento de um barco

navegando como ontogênese da própria poesia que traz, em sua prosódia e força geradora, a barcarola como possibilidade de forma musical. Assim, esta performance musical objetiva apresentar uma proposta de composição e arranjo para recriar a ambiência dos versos 1-8 do referido poema, cantando-o em latim juntamente com sua respectiva transcrição em português. O interesse pela poesia demonstra o potencial musical subjacente ao tecido poético e nos faz retomar a leitura do poema não como um ato visual, mas essencialmente auditivo e vocal, liberando a poesia e devolvendo-a ao seu lugar originário de criação enquanto vocalidade do canto e, essencialmente, música. Outro objetivo desta parceria entre Letras e Música é apresentar, ao público da comunidade acadêmica e também externo, a poesia latina cantada em propostas estéticas atuais feitas pelos próprios integrantes dos grupos, divulgando-a em recitais e gravações socializadas na página do Garin e em estudos de métrica, prosódia, composição e arranjo musicais. A parceria proporciona, ainda, maior contato entre estudantes de Letras e Música, separados por campi apartados na geografia da cidade do Rio de Janeiro, e promove a integração dos saberes de áreas afins por vezes afastadas através de práticas endógenas.



Um estudo de caso acerca da convergência entre linguagem augural e terminologia filosófica no *De rerum natura*: os simulacra divinos como *nuntia* (6. 76-77)

Maria de Nazareth Eichler Sant'Angelo (doutora — UNIRIO)

Analisaremos, na presente comunicação, o uso de Lucrécio de *nuntia*, que significa “mensageira”, para se referir aos *simulacra* que emanam dos seres divinos, na forma de estátuas de culto. O termo *nuntia* é próprio da linguagem augural (e.g., *nuntia auis e nuntia fibra*), e diz respeito aos sinais divinos cuja interpretação estava a cargo do colégio sacerdotal dos áugures. O *simulacrum* é, por sua vez, um conceito oriundo da física epicurista, e se refere às emanações dos objetos, quer dizer, às membranas ou imagens sutis que se destacam deles e “batem” em nossa vista. Tal apropriação disruptiva do vocabulário augural indica que Lucrécio tomou partido na disputa pelo conhecimento que regula o acesso às potências divinas. No lugar da *scientia* (expertise) requerida para realizar a *interpretatio* da mensagem dos deuses, o poeta e filósofo romano interpõe a necessidade da correta apreensão de sua essência (*prolepsis*, na terminologia epicurista grega), que não condicionaria os sacerdotes de Roma a falsas noções acerca da agência divina.

Os *signa* atuantes na estruturação do poder imperial romano e sua reapropriação na atualidade: um estudo de caso através da análise filmica

Claudia dos Santos Gomes (mestre — UFF)

Orientador: Profa. Dra. Norma Musco Mendes

Identificamos uma nova linguagem de poder na documentação imagética, primeiro com Júlio César e, desenvolvida posteriormente por Otávio Augusto, no período imperial. Observamos que essa linguagem foi um dos elementos importantes para a estruturação do poder de Roma, que permanece, ainda hoje, como paradigma de Império. Nesse sentido, analisaremos nesta comunicação, a relevância das imagens como forma de comunicação no império romano e sua permanência até os dias atuais, observada dentre muitos exemplos, na filmografia. Como estudo de caso, abordaremos o exemplo da águia romana, identificada como um *signum* de poder em eventos de governo imperial no cinema contemporâneo.

Conquista e Emaranhamento no Império Romano: As diferentes linguagens no culto às divindades femininas plurais

Érika Vital Pedreira (doutora — UFF-NEREIDA)

O Império Romano abarcou uma infinidade de territórios e culturas e, à medida que avançava em suas conquistas, principalmente pelo deslocamento das tropas do Exército, disseminava valores, ideias, bem como um estilo de vida romanizado. Contudo, tais características foram transformadas para atender às demandas locais, produzindo o que entendemos por objetos e práticas emaranhados. Observamos esse emaranhamento nas práticas religiosas provinciais, na produção de novos cultos e novas divindades. Dito isso, na presente comunicação, por meio de estudos de caso, propomo-nos a analisar as novas formas de culto rendidas às divindades femininas plurais, assim como, as linguagens neles empregadas nas diferentes províncias ocidentais do Império Romano, a saber: Hispânia, Gália, Britânia e Germânicas.



Catálogo de obras didáticas e de literatura infanto-juvenil com a temática greco-romana publicadas no Brasil

Katia Teonia Costa de Azevedo (doutora — UFRJ)

Vimos desenvolvendo desde 2016 um levantamento das publicações produzidas pelo mercado editorial brasileiro voltadas para o público infantil e juvenil sobre o ensino de línguas clássicas e sobre a literatura e cultura greco-romanas. A pesquisa pretende produzir, preliminarmente, um catálogo, que visa fornecer suporte a bibliotecários, a professores do ensino fundamental e do ensino médio, a estudiosos das línguas e literaturas clássicas, bem como a pesquisadores de literatura infanto-juvenil. O catálogo visa ainda contribuir para a escolha de mães, pais e tias, que desejem introduzir suas crianças no universo da antiguidade clássica, seja no âmbito do ensino de uma língua clássica ou da cultura greco-romana. Propomo-nos, nesta exposição, apresentar os resultados parciais dessa pesquisa.

A Reforma Capanema e o ensino do latim

Rhenan Carlos Araujo Pinheiro (graduando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo

A década de 40 foi marcada por diversos acontecimentos no mundo, em razão do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. No Brasil, o autoritário governo Vargas insere o país em uma intensa e desgastante crise política e econômica. Em compensação, na mesma década, contaremos com diversas transformações no sistema educacional brasileiro, denominadas de Leis Orgânicas do Ensino de 1942. A principal delas, referida na Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 9 de abril de 1942, conhecida como Reforma Capanema, assegurou às línguas clássicas um importante lugar nos currículos do ensino secundário dos adolescentes brasileiros e instituiu o ensino do latim em todas as quatro séries do primeiro ciclo, denominado ginásial, e um segundo ciclo de três anos, divididos em duas áreas: clássico ou científico. Esta reforma, proposta pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, tinha como finalidade a formação espiritual dos discentes, o conhecimento patriótico e o conhecimento humanístico, além de preparar o intelecto do adolescente para servir de base a estudos mais elevados de formação especial. Logo, propomo-nos, neste trabalho, observar, de forma comparativa e analítica, os resultados dessa lei no mercado editorial brasileiro tomando como base a publicação de materiais didáticos para o ensino de latim.

***Iliada, Odisseia e Eneida* — A adaptação dos clássicos greco-romanos para crianças e jovens no Brasil**

Mariana Correia Jabor (graduanda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo

Quando Ezra Pound, em seu célebre livro *ABC da Literatura* (1934), nos diz que “Literatura é novidade que PERMANECE novidade”, o autor, ao concentrar a sua definição na concepção de novidade-permanência-novidade, nos propõe uma significativa reflexão em torno da compreensão da obra clássica. E, se o que faz de uma obra um clássico é a sua permanência, a novidade não pode estar no âmbito da forma, nem da linguagem, mas da matéria em si, que deve romper as barreiras do tempo e do espaço. Uma obra clássica se configura no âmbito do humano e questões humanas são atemporais, perpassam sociedades e atravessam idades. Considerando a importância de apresentar os clássicos a crianças e jovens, as adaptações dessas obras se configuram como um relevante método de estímulo à leitura, bem como na formação de leitores e, no âmbito do nosso objeto de pesquisa, na introdução de crianças e jovens ao universo da antiguidade clássica greco-romana. Tomando como base o repertório de publicações voltadas ao público infanto-juvenil de obras com a temática da antiguidade greco-romana, que vem sendo elaborado desde 2016, sob a coordenação da professora Katia Teonia, propomo-nos, neste trabalho, apresentar, nesta fase da pesquisa, um levantamento das edições da *Iliada*, da *Odisseia* e da *Eneida* publicadas no Brasil dedicadas, exclusivamente, ao público infanto-juvenil.

RESUMOS

COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

ORDEM ALFABÉTICA: NOME DO COMUNICADOR

Do louvor à crítica — a lírica temática cristã na Antiguidade e na Idade Média: dois exemplos

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (doutor — UFRJ)

A difusão do Cristianismo dentro do Império Romano consolidou, ao longo dos séculos da Tardo antiguidade, um padrão de expressão religiosa que tinha na figura de um só Deus a única possibilidade de salvação eterna. Hierarquizada pelos homens, a Igreja passou a desempenhar um papel decisivo na estruturação sócio-política e principalmente, no que tange à cultura, na transição do mundo antigo à Idade Média. Nesse sentido, coube às suas figuras mais destacadas, especialmente bispos e papas, (re)organizar a instituição eclesiástica. Para este trabalho selecionamos duas dignidades cristãs desses dois momentos da Igreja, sendo uma delas personagem histórica, a saber, santo Hilário, bispo de Arles (século V), e a outra representada pela figura do papado no medievo, mais especificamente, dos séculos XI e XII. Através da comparação entre o Epitáfio de Santo Hilário com um poema constante dos Carmina Burana tentaremos evidenciar as diferenças entre posturas e atitudes que vão do louvor ao bispo em seu último repouso à denúncia contra desmandos do representante de Deus na Terra, em que a lírica em latim se configura como documento literário e historiográfico de épocas distintas da Europa cristã.

Considerações acerca do herói Hércules em Eurípides

Amanda Alevato de Sant'Anna (graduanda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Arlete José Mota

O presente trabalho apresenta os resultados iniciais do projeto de pesquisa intitulado “Deuses e heróis na literatura latina”, vinculado ao projeto “Literatura latina: personagens em movimento - formas, tons e contextos em prosa e verso”, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Para a realização da proposta, torna-se necessário entender a concepção de herói na Antiguidade Clássica e mostrar um desdobramento do conceito de mito até a atualidade. Além disso, a partir de concisa amostragem do entendimento de gênero entre os antigos, é importante destacar as características dos gêneros dramáticos. As indagações a respeito da construção da figura heroica propiciou a escolha e Hércules, personagem que será estudado na tragédia grega *Hércules*, de Eurípides.

As estratégias afetivas das ordens dirigentes romanas de II a.C. até I d.C.

Amanda Lemos Fontes (mestranda — PPGHC-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

A partir da vitória romana sobre Cartago em 201 a.C. na Segunda Guerra Púnica, é possível notarmos diversas mudanças na dinâmica política da cidade de Roma — mudanças essas que, segundo fontes da época e a historiografia contemporânea, constituem um cenário de crise das instituições republicanas. Uma das maneiras que as ordens dirigentes da cidade encontraram para a manutenção de sua posição como hegemônicas, mesmo perante tal cenário, foi o aumento da individualidade política, transformando o cotidiano político da cidade, que passou a ser dominado pela dinâmica da competição aristocrática. Assim, a partir do aumento dessa competição, se torna necessária a elaboração de diversas estratégias de ascensão e obtenção de poder político por parte daqueles que desejassem seguir carreira na vida pública, uma delas sendo a ressignificação estratégica de laços afetivos como a amizade e o casamento. É nessa ressignificação que nos concentraremos no decorrer desta comunicação, defendendo que foi por meio desse hábito nutrido pelas ordens dirigentes romanas que as mesmas conseguiram se sustentar enquanto politicamente hegemônicas perante o cenário de crise, além de ser o estabelecimento desse tipo de relação que governava a vida política durante os anos do primeiro século imperial — comprovado principalmente pela composição das leis matrimoniais de Augusto.

A jornada, a origem e a Vida: a presença de Mercúrio e Baco em Primeiras estórias

Amanda Lisbôa Marinho da Silva (graduanda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia Faria

A contemporaneidade, mais do que um período posterior à Antiguidade, é uma continuação ou consequência da mesma. (Re)criamos, recitamos, concordamos e (re)utilizamos ideias e temas trabalhados anteriormente ao nosso tempo, os quais, mesmo através dos séculos, se mantiveram vivos e presentes. Seja na matemática, na filosofia ou na literatura, em nossos dizeres é possível ouvir o reverberar da Antiguidade. Desta forma, a leitura de um texto contemporâneo que traz elementos da Antiguidade Clássica precisa de um olhar que promova um intercâmbio entre o novo e o antigo, de modo a verificar tanto as sobrevivências do antigo quanto as recriações do novo. Os contos presentes no livro *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa, em particular “As margens da Alegria” e “Os cimos”, ecoam tanto em sua forma quanto em seu conteúdo a presença da Antiguidade: Mercúrio e Baco conduzem os contos, abrindo e encerrando o livro. As figuras de ambos os deuses são trazidas aos contos não como uma mera reprodução dos mitos originais, mas como uma construção transfiguradora, que abre novas frentes para o antigo. Devido a isto, destrincharemos a presença de ambos os deuses nestes contos, levando em consideração os estudos de KERÉNYI, Carl (*Hermes. Guide of Souls*, 1986) e OTTO, Walter Friedrich (*Dionysus. Myth and Cult*, 1981).

Clientelismo militar na Roma Antiga: um estudo sobre a relação soldado-general no século I a.C.

Amanda Prima Borges (mestranda — PPGHC-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

A vitória de Roma sobre a cidade de Cartago — em um conjunto de três conflitos bélicos conhecido como Guerras Púnicas — garantiu o domínio romano sobre o Mar Mediterrâneo, suas importantes rotas comerciais e faixas de terra anteriormente sob a influência de Cartago. Desse modo, o sistema político republicano, antes projetado para atender às necessidades de uma Cidade-Estado, tornou-se cada vez menos eficiente em sua capacidade de gerir o que rapidamente se transformou no centro de um império mundial. Por sua vez, a fragilidade cada vez mais incontestável do sistema de governo — enfraquecido pela competição de seus dirigentes pelas riquezas que afluíam à urbs — teve como resultado a ascensão dos grandes generais como principais lideranças políticas e, também, a eclosão de uma série de conflitos internos, incluindo três violentas guerras civis que abriram, definitivamente, o caminho da transição da República ao Principado. Tradicionalmente, o papel que a historiografia reservou a esses confrontos vem acompanhado de uma dimensão analítica que destaca a importância das extensas clientelas militares sob o controle desses líderes de exército, que as teriam mobilizado para perseguir suas próprias ambições políticas. Nessa comunicação, portanto, será apresentado um projeto de pesquisa — atualmente em desenvolvimento no PPGHC-UFRJ — que versa, exatamente, sobre essas fileiras de soldados; este, porém, busca analisá-las a partir da perspectiva de que elas eram compostas por sujeitos sociais ativos, de forma a destacar o constante estado de negociação de interesses que forjou o vínculo entre soldados e generais durante as guerras civis da Tardo-República romana.

Discurso, identidade e patronagem na literatura da Antiguidade Tardia: perspectivas de gênero (séc. IV e V d.C.)

Amanda Reis dos Santos (mestranda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

O objetivo da presente comunicação consiste em analisar alguns discursos situados no contexto de cristianização das elites em diferentes partes do Império Romano nos séculos IV e V d.C., dando especial atenção à forma como algumas personagens femininas foram representadas por certos autores do período. Procurar-se-á, desse modo, demonstrar de que maneira o poder financeiro de ricas matronas, virgens e viúvas à época, como Macrina, Melânia, a Jovem, Paula, Eustóquia, Helena Augusta, dentre outras, pode ter contribuído para uma exposição positiva sobre essas mulheres. Para tanto, será mobilizado um aporte teórico pautado no liame entre a História das Mulheres e de Gênero tal como abordado por Elizabeth Clark, Gillian Cloke e Stavroula Constantinou, no intuito de delinear a forma como diferentes personagens históricas foram retratadas na literatura da Antiguidade Tardia e até que ponto ela revela indícios de realidade.

***Dikē* e *hybris* em Hesíodo e Sólon**

Andrezza de Oliveira Santos Pequeno (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Rainer Guggenberger

Este trabalho contribuirá para os estudos clássicos especificando a importância e o uso do conceito de justiça (*dikē*) em relação com a desmedida e a insolência (*hybris*) em produções poéticas do século VII e começo do século VI a.C. A pesquisa iniciou-se coletando dados da produção poética de Sólon, destacando as palavras-chave a serem utilizadas no projeto

e observando o contexto em que estão inseridas. Após os dados serem coletados, foram analisados esses termos com base na tradução da pesquisa de Marinete José de O. Santana, 1996. Em seguida, foram analisadas as obras *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia* de Hesíodo, usando a ferramenta online *perseus*, que permite uma busca mais rápida das palavras. Os primeiros resultados da pesquisa sublinham a importância de *dikē*, sobretudo em *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, pois o número de ocorrências de tal termo é bastante expressivo. Na tentativa de explicar o uso abundante de *dikē* começou-se a consultar literatura específica como, por exemplo, *The poetry of justice: Hesiod and the origins of Greek Law*, de Michael Gagarin, 1992.

A ilusão da autonomia: Platão “contra” a escrita (e os terraplanistas)

Antonio Lessa Kerstenetkzy (mestrando — USP)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho

Ao fim do *Fedro* (274-276), Platão faz seu personagem Sócrates articular uma crítica à escrita. Os usuários dessa tecnologia veem nela um fármaco para o conhecimento e para a memória, quando só pode fabricar recordações (*ὑπομνήματα*), cujo uso introduzirá o esquecimento na alma dos leitores. Ao invés de buscarem o conhecimento através da reminiscência — ou seja, da autoinvestigação —, confiarão em sinais externos. A leitura promete o contato com algo vivo; mas, uma vez que se pergunte algo ao texto, ele “se cala, cheio de dignidade” (275d). Ao longo do *Fedro*, Sócrates não exhibe uma postura contrária à leitura *tout court*. A conversa com Fedro é motivada pela leitura (*verbatim*, por insistência de Sócrates) de um escrito do logógrafo Lísias. O resto do diálogo é fruto desse momento: os discursos de Sócrates são sobre o mesmo tema (o amor); os personagens avaliam a profissão do logógrafo questionando a natureza da retórica; e o próprio suporte da peça, a escrita, é discutido. Uma investigação do *Fedro* mostra que a produção de “recordações”, em si, não é um problema; Platão parece criticar o contato solitário com um objeto que promete fornecer conhecimento a um estudante. Nessa comunicação, proponho que a crítica de Platão à leitura é um instrumento útil para a compreensão do fenômeno contemporâneo mais responsável pela erosão da democracia: o novo modo de apreensão do conhecimento introduzido pela internet. Do terraplanismo à mamadeira obscena das últimas eleições, a popularização das novas teorias da conspiração vem da ideia de que a investigação solitária online libertará da tirania do senso comum. A *Flat Earth Society*, e.g., se apresenta como um “lugar para livre-pensadores”. A internet exhibe, em grau elevado, as mesmas características que Platão apontara na nova tecnologia de seu tempo, a escrita; esse filósofo pode nos ajudar a ensejar soluções.

Jogos didáticos para o aprendizado de latim

Arianne Souza da Silva (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “Jogos didáticos para o aprendizado de latim”. A pesquisa partiu do pressuposto de que o uso de jogos didáticos pode ser uma estratégia eficiente para estimular e mediar o aprendizado de língua latina em qualquer segmento do ensino, seja Nível Fundamental, Médio ou Superior. Para tal, trabalhamos com a compreensão de que o ensino de língua deve estar diretamente ligado à realidade do público-alvo e às suas demandas. Nessa instância, propomos a elaboração de jogos didáticos a serem empregados numa abordagem de ensino de latim voltado às necessidades criadas por determinadas disciplinas que compõem a grade curricular do aluno, a depender do nível em que ele se encontre. Nesta apresentação, discutiremos alguns conceitos essenciais para nossa pesquisa relacionados a jogo, sua utilização no ensino e a princípios da aprendizagem de língua, fundamentados em Johan Huizinga (2000), H. Douglas Brown (2006) e Tizuko Kishimoto (2002). Apresentaremos, também, uma proposta de jogo da memória, elaborado a partir do léxico latino presente em algumas disciplinas do Ensino Fundamental, relacionado a nomes científicos de doenças e de seus agentes transmissores.

Um poeta na cidade, um usurário no campo — ironias e reflexões em Horácio

Arlete José Mota (doutora — UFRJ)

A obra de Horácio, marcada por distintos tons, assuntos, formas e reflexões sobre a vida (e também sobre a sua *ars*), não deixa de surpreender o leitor, mesmo aquele habituado a percorrer sua produção, dos Epodos ao Canto Secular. Entre amores e desafetos (possíveis, ao menos), há espaços bem definidos — lugares propícios a intensos prazeres, mas também onde se comentem excessos. Há referências a um *locus amoenus* sim, mais sonhado do que vivido de fato. Propõe-se então, a partir de uma definição desse lugar ideal, onde se tem paz de espírito (e equilíbrio à mesa), analisar os personagens que protagonizam o epodo segundo e a ode 1.31, exemplos de como o poeta soube harmonizar ao longo de sua obra pendores

e desejos.

O tradutor no campo político: autocensura na tradução das *Sátiras* de Juvenal por Francisco Bastos

Beatriz Cardeal da Silva (graduanda — ECO-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Este trabalho objetiva apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “O tradutor no campo político: autocensura na tradução das *sátiras* de Juvenal por Francisco Bastos”. A pesquisa partiu do pressuposto de que o estudo da influência das relações entre o tradutor e personalidades do campo político é de suma importância para um determinado setor da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com tradução, com a história do livro e da tradução. Em sua fase inicial, a pesquisa procedeu ao levantamento e leitura de ensaios relacionados a controle social, censura e campo político. Na sequência, buscou-se selecionar um *corpus* em que se verificasse, de forma documentada, a autocensura por parte do tradutor, o que nos levou a optar pela tradução das sátiras de Juvenal por Francisco Antonio Martins Bastos, impressa em Lisboa, em 1839. Ao abordar seu método de traduzir o satírico latino, Martins Bastos esclarece, na introdução, que teve de atenuar a versão em português, buscando “vencer as dificuldades de apresentar o *quod convenit et quod decet*”. Nesta apresentação, discutiremos alguns conceitos essenciais para nossa pesquisa, como controle social, autocensura e campo político. Apresentaremos, também, alguns excertos da tradução da *sátira IX* de Juvenal por Francisco Bastos, a fim de observarmos a atenuação de vocabulário e/ou conteúdo considerados obscenos para a época do tradutor.

O governo de Calígula no *De Vita Caesarum*, de Suetônio: relações de poder e autocracia

Braulio Costa Pereira (doutorando — UFRJ | Centro Universitário Celso Lisboa)

Orientador: Anderson de Araújo Martins Esteves

O governo de Calígula (37 a 41 d.C.) nos é apresentado pela posteridade como um exemplo de depravação. O jovem imperador é sempre retratado, mesmo pelos autores que lhe foram contemporâneos, como um homem ímpio, cruel e — talvez o mais importante — como um governante que não sabia dividir o poder com senadores e aristocratas. Na biografia que Suetônio lhe dedica em seu *De Vita Caesarum*, veem-se diversos exemplos desse tipo de relato, e as atitudes pouco amigáveis de Calígula em relação aos aristocratas ganham destaque. Procura-se, no presente trabalho, demonstrar como a retratação de Suetônio reflete ou não a realidade dos estudos historiográficos mais recentes dedicados ao governo de Calígula (BARRET, 2015; WINTERLING, 2011; entre outros). Também se tratará da importância que o comportamento autocrático de Calígula teve para sua retratação por parte de autores que pertenciam às classes aristocráticas.

Um vocábulo monstruoso: κῆτος, πέλωρ, θήρ, τέρας e φήρ como referências ao imaginário helenos dos “monstros”

Camila Alves Jourdan (doutora — UFRJ | UFF-NEREIDA)

Comumente, quando escutamos ou lemos “monstro” ou “monstruoso”, nos remetemos a algo assustador, temerário em nosso imaginário. Para os gregos antigos, esses seres também se faziam presentes em suas tradições orais e narrativas. Todavia, em que sentido nosso imaginário dialoga com a compreensão dos helenos para aquilo que os tradutores e estudiosos continuamente traduziram como “monstros”? Como diversos autores da Hélade, entre os séculos VIII e IV a.C., escreveram e criaram significado(s) para os seres fantásticos que pertenciam às narrativas míticas? Buscando responder essas questões, pretendemos nesta comunicação discorrer sobre os termos empregados pelos gregos antigos para aquilo traduzido para o português como “monstro” ou “monstruoso”. Afinal, a que se referem os termos “*tò kêtos*” (κῆτος), “*tò pélor*” (πέλωρ), “*ho thér*” (θήρ), “*tò téras*” (τέρας) e “*ho phér*” (φήρ)?

Anito e o suborno em processos jurídicos

Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar (mestrando — PPGF-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Admar Almeida da Costa

Anito é mais conhecido por ser um dos acusadores de Sócrates, mas este político teve outra proeza: sua sagacidade o fez criar um método obscuro de identificar os jurados e assim saber exatamente a quem subornar em um processo legal, ou seja, ele conseguia identificar quem eram os *dikastai* que estariam agrupados no *dikastêrion* específico que julgaria determinado caso em um tribunal. Com essa metodologia ele conseguiu se safar de uma condenação em 409 a.e.c., quando

por sua falha Atenas perdeu Pilos (cf. Aristóteles, Constituição de Atenas 27.5). A façanha desse cidadão possivelmente foi a origem de dois novos verbos (*dekázein* e *syndekázein*) e o motivo de uma nova lei contra esse método (reportada no segundo Contra Estéfano de Demóstenes, 46.26). Além disso, duas décadas depois, o sistema por sorteio para a escolha de jurados foi totalmente reformulado justamente para evitar esse esquema corrupto que ele empregou. Na apresentação será feita a exposição desses aspectos legais relacionados à escolha de jurados no século V e sobre a corrupção e suborno que foi feita a partir desse método de Anito, discorrendo também sobre a alteração proposta no século IV (que aparece na *Assembleia das Mulheres* de Aristófanes). Por último será feita uma exploração dessa temática com a *Apologia*, uma vez que Anito, aquele que subornou jurados, é o mesmo agente que está processando Sócrates por corromper (*diaphtheírein*) os jovens, e que no Górgias 515e há uma crítica de que os atenienses foram corrompidos (*diaphtharénai*) por Péricles, por conta da *misthophoría* (a remuneração de cada jurado por participar em um processo), aproveitando-se assim a ambiguidade do verbo *diaphtheírein* que pode significar tanto corrupção moral em sentido largo, mas também aquela mais prática motivada por suborno.

O prefácio da *Batalha da Alma*

Carlos Eduardo Schmitt (doutorando — USP)

Orientador: Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman

O poeta Aurélio Prudêncio Clemente nasceu em 348 d.C. e morreu na primeira década do século V. Seguiu carreira pela via administrativa, chegando a ocupar o cargo de *comes primi ordinis* durante os tempos de Teodósio I, em Milão. Nosso trabalho estará centrado na fase final de sua vida, período em que escreveu sua obra de maior destaque, a *Psychomachia*, poema de mais de novecentos versos. Nosso intuito será o de salientar algumas de suas principais características, que o tornaram conhecido como o “Horácio cristão”, com enfoque ao prefácio da obra.

A relação entre os nomes, os significados e os atos em *Crátilo* de Platão e em *Histórias Inacreditáveis* de Paléfato

Caroline Caetano de Freitas (mestranda — PPGC-UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Simone Bondarczuk

A questão dos nomes, ou melhor, da correção dos nomes, é abordada de forma extensa no diálogo *Crátilo* de Platão. Nesse diálogo platônico, são expostas duas posições sobre a correção dos nomes, a saber: o “convencionalismo”, defendido por Hermógenes, no qual “nenhum nome é inerente à natureza de nada, ele apenas segue as normas e hábitos de quem o habilitou ao chamar” (384d.5); e o “naturalismo”, defendido por Crátilo, que diz “existir uma correção dos nomes inerente à natureza de cada um dos seres” (383a.5). A partir dessas duas posições, iremos estudar a relação dos nomes (*onomata*), os seus significados e os atos (*erga*) em duas passagens da obra *Histórias Inacreditáveis* (*Peri Apistōn*) de Paléfato: 1) o “Prefácio” e 2) na história “Sobre os Centauros” (*Peri Kentaurōn*).

Cleópatra VII: Faces de uma mulher inventada por homens

Caroline Honoratto Teles (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

Durante um período de crise da República romana, e, portanto, de instabilidade econômica, o então governador Otaviano, futuro imperador Augusto (27 a. C a 14 d. C), projetou na possível conquista do Egito da rainha Cleópatra uma importante oportunidade de controlar o território responsável pela maior produção de grãos do Mediterrâneo. É dentro desse contexto que a batalha do Actium – guerra entre Marco Antônio com o apoio de Cleópatra e Otaviano – eclode, dando início a uma série de propagandas por parte de Otaviano com o objetivo de desestruturar a imagem da monarca egípcia. As consequências dessas propagandas, tamanha sua força, podem ser notadas em obras muito posteriores à Batalha do Actium. Autores como Plutarco (II d.C.) em *Vidas Paralelas* de Marco Antônio e Júlio César, Suetônio (II d. C.) em *A vida dos doze Césares*, Dion Cássio (II e III d.C.) em *História Romana*, Ateneu (II e III d. C.) em sua obra *Banquete dos eruditos* e Eusébio de Cesaréia (III e IV d. C.) em sua crônica 60, criaram, influenciados por essa propaganda, estereótipos sobre Cleópatra que foram hegemônicos em seus contextos e são, em parte, até os dias de hoje. Portanto, analisaremos as obras dos autores acima citados com o objetivo de examinar até que ponto o fato de Cleópatra ocupar, enquanto mulher, uma alta posição de poder a torna suscetível a percepções tão negativas por partes desses autores. Além disso, analisaremos de que forma seus respectivos contextos influenciaram na construção de um ideal feminino e também na forma como contribuem para a construção negativa da imagem de Cleópatra. Os teóricos a serem mobilizados para essas

análises serão Michelle Perrot em *Minha História das mulheres*, O Mito da beleza de Naomi Wolf, *História da Sexualidade e A Ordem do Discurso* de Michel Foucault e Stanley Burstein em *The Reign of Cleopatra*.

Linguagem feminina e masculina na *Medeia* de Eurípides

Clara Lacerda Crepaldi (pós-doutoranda — USP-CAPES)

Este trabalho examina a caracterização da personagem *Medeia* na tragédia homônima de Eurípides. Em primeiro lugar, observo como os seus discursos se conformam aos padrões de fala geralmente identificados como femininos na tragédia e como ela usa falsas fórmulas de submissão para enganar seus adversários. Em segundo lugar, investigo em que medida sua caracterização linguística também contém traços de um heroísmo mais tipicamente masculino, deixando entrever medos e angústias subjacentes aos estereótipos femininos da tragédia.

Propostas de leitura para o termo *imperator* em inscrições em latim

Danilo Oliveira Nascimento Julião (mestre — UFRJ)

Orientador: Profa. Dra. Ana Thereza Basilio Vieira

Inscrições em latim, nas mais diversas épocas e lugares, apresentam características determinadas em relação ao material, à linguagem, à história etc. Propomos, então, apresentar algumas observações sobre a utilização do termo *imperator* em duas inscrições: uma do século I a.C. e outra do século XIX d.C. Os estudos de Corassin (1999), D'Encarnação (1996) e Meyer (2011) serão bastante úteis para traçarmos nossas considerações históricas, culturais e estilísticas sobre as inscrições estudadas.

As imagens da *Lex*: Uma análise visual da narrativa greco-romana na decoração do Palácio Tiradentes

Douglas de Souza Liborio (graduando — IH-UFRJ)

Orientador: Profa. Dra. Marta Mega de Andrade

O presente projeto de pesquisa se propõe a analisar um dos motivos decorativos presentes na decoração do Palácio Tiradentes, os *fasces lictores* romanos (feixes lictóricos, em latim). Projetado para ser a nova sede do Congresso Nacional, o Palácio Tiradentes se tornou um dos principais edifícios do Eclétismo Classicizante na cidade do Rio de Janeiro. Possuindo inúmeras referências decorativas à tradição greco-romana, o Palácio possui grande relevância na tradição política e arquitetônica da cidade da antiga capital federal. A partir da análise semiótica, busca-se compreender se tais representações iconográficas dos *fasces* se apresentam como recepção de valores políticos da Antiguidade Romana para a consolidação de uma tradição republicana brasileira no século XX. A partir disso, procura-se também levar a cabo a análise as referências greco-romanas no contexto geral da decoração do Palácio concebendo-as como artefatos visuais de produção de discursos e práticas políticas e sociais.

Mito na *Astronômica* de Manílio

Eduardo Boechat (doutor — UFRJ)

A comunicação analisa as ambíguas referências do poema didático *A Astronômica* sobre o nascimento dos mitos. Esse, que é o primeiro tratado astrológico do ocidente, se refere à veracidade dos relatos mitológicos tendo como pano de fundo outros épicos romanos como *As Geórgicas*, *Os Fasti* e *A Natureza das Coisas*.

Traduzindo as constelações de Pseudo-Eratóstenes: Ursa Maior, Boieiro e Touro

Eduardo Duarte Moreira (graduando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz de Paoli

O objetivo desta comunicação é apresentar uma proposta de tradução de trechos da obra *Catasterismos*, de Pseudo-Eratóstenes, nunca traduzida para a língua portuguesa. O título indica a ação de transformar em estrelas seres vivos ou objetos inanimados. A obra consiste de narrativas curtas a respeito das origens míticas das estrelas e das constelações, distribuídas em 48 capítulos. A obra em si, provavelmente do século I a.C., seria, em realidade, um epítome de uma obra maior do séc. III a.C., hoje perdida, cuja autoria foi atribuída pelos antigos a Eratóstenes de Cirene, matemático, geógrafo,

astrônomo e bibliotecário-chefe da biblioteca de Alexandria. Os capítulos cuja tradução apresentaremos e comentaremos são os correspondentes às narrativas de Pseudo-Eratóstenes sobre o Boieiro, a Ursa Maior e o Touro.

A análise crítica do discurso e a pesquisa nos estudos clássicos: uma metodologia interdisciplinar

Elio Marques de Souto Junior (doutorando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Arlete José Mota

Nos últimos anos, diversos classicistas têm apontado para a impossibilidade de se fazer pesquisa sobre a antiguidade clássica sem reconhecer seu caráter interdisciplinar, uma vez que tais pesquisas precisam abranger áreas afins, tais como filosofia, história, sociologia, arqueologia, linguística, teoria literária, etc., a fim de criar inteligibilidade acerca da sociedade greco-romana e suas manifestações culturais. Assim, nesta comunicação, visamos discutir uma abordagem crítica e interdisciplinar para estudar os textos literários produzidos na antiguidade greco-romana. Nesse sentido, propomos a análise crítica do discurso (ACD) que se caracteriza como uma teoria interdisciplinar, combinando os pressupostos da sociologia crítica e a análise linguisticamente orientada, cujo foco de estudo é a descrição das estruturas linguísticas e a interpretação sociocultural dos textos literários. Para a ACD, o discurso é compreendido como um modo de representar e construir o mundo, sistemas de crenças e identidades em significado, além de constituir uma forma de ação social. Desse modo, o discurso literário é estudado, ao mesmo tempo, como prática social, discursiva e textual. Pretendemos, por conseguinte, demonstrar como a perspectiva crítica da análise do discurso constitui uma metodologia interdisciplinar de pesquisa para estudar aspectos linguísticos, sociais, históricos, culturais, políticos e ideológicos das civilizações grega e romana representados e construídos nos textos literários.

Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret

Esther da Silva Martins (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Este trabalho objetiva apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret”. A pesquisa partiu do pressuposto de que a reconstituição do diálogo epistolar entre o impressor Paolo Manuzio (1512-1574) e o humanista Marc Antoine Muret (1526-1585), duas personalidades representativas do humanismo renascentista italiano, é de suma importância para um determinado setor da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a história do livro ou da tipografia. Em sua fase inicial, a pesquisa procedeu ao levantamento de obras raras que contenham as correspondências ativa e passiva de Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret. Na sequência, buscaram-se as principais referências bibliográficas sobre os autores e seu período histórico-cultural, o Renascimento italiano. As fontes de informação que utilizaremos para recompor o diálogo epistolar entre os missivistas são: 1) *Paulli Manutii epistolarum libri XII* [...], impressos em Pavia (Itália), em 1589; e 2) *Marci Antonii Mureti* [...] *orationes, epistolae, hymnique sacri* [...], impressas em Verona (Itália), em 1592. Exemplos das referidas obras encontram-se depositados no acervo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, instituição em que se desenvolve o projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”. Nesta apresentação, exporemos e comentaremos algumas passagens de epístolas trocadas pelos referidos missivistas acerca da obra *Catullus*, compilação de poemas catulianos organizada por Muret, que causou grande impacto na recepção crítica do poeta latino durante a Renascença.

Discussões sobre o status dos trabalhadores nas *uillae* (II a.C. – I d.C.)

Fabiana Martins Nascimento (mestranda — LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

Estudos recentes sobre o trabalho nas sociedades antigas têm relativizado o papel da instituição da escravidão e apontado que o trabalho livre compunha parte significativa da mão de obra. Além disso, esses estudos apontam ainda que, em determinadas atividades, o status dos trabalhadores era pouco relevante, inclusive no contexto da propriedade agrícola. A partir de considerações sobre a dinâmica da *uilla*, questões relativas ao mercado de trabalho livre e ao mercado de escravos, a presente comunicação busca discutir a natureza do trabalho e a importância do status dos trabalhadores nesse tipo de propriedade, a partir da análise dos tratados agrícolas escritos por Catão, Varrão e Columela – no intervalo entre os séculos II a.C. e I d.C. A linha argumentativa que seguimos busca sustentar as ideias de que uma simbiose entre trabalho livre e escravo era prescrita pelos autores para manter o funcionamento da propriedade e que tal funcionamento só seria possível a partir de uma gestão consciente das especificidades de cada tipo de mão de obra.

O éros homérico e o éros platônico: a semântica do amor na *Iliada* e no *Banquete*

Felipe Marques (mestrando — PPGLC-LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

No posfácio de sua tradução do *Banquete* de Platão, Donald Schüler afirma: “O Eros livre é o fundamento do Estado Livre. Onde Eros é tiranicamente imposto, os homens não são livres.” Partindo desta constatação, o objetivo da presente comunicação é comparar a semântica do *érôs* na *Iliada* de Homero e no *Banquete* de Platão, procurando investigar como o amor e o desejo aparecem no discurso épico homérico e no diálogo filosófico de Platão. Em Homero, daremos ênfase especial aos cantos III e XIV da *Iliada*, pois é neles que a temática amorosa ganha destaque. Utilizaremos como método de investigação a teoria dos campos lexicais proposta por Michael Clarke.

As relações familiares na comédia latina do período helenístico

Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza (graduando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Messeder Moura

Visto que no seu auge o Império Romano conquistou quase todo o mundo conhecido, em graus diversos de romanização, o mundo foi influenciado pelo estilo de vida deste povo. Em destaque serão ressaltadas nesta comunicação, de uma pesquisa em desenvolvimento, as influências familiares, sociais e linguísticas que podem ser verificadas no período de tempo que será abordado: o período helenístico, período de intercessão greco-latina que tem seu início em 323 a.C. e seu término na data de 31 a.C., com a queda do Egito. Quanto ao *corpus*, este é composto por *Poenulus* de Plauto, Titus Maccius Plautus (230-180 a.C.), autor da comédia latina. Qual a razão de uma peça de comédia ser o principal objeto de estudo para a finalidade de estudar as relações familiares e sociais do período helenístico? O porquê se dá pelo fato de que a comédia era entendida como um gênero popular. Assim, não era objetivo do autor apresentar heróis ou grandes feitos neste gênero, mas, talvez, aquilo que há de mais comum. Nesse sentido, Aristóteles afirma em *Arte poética*: “É também essa diferença o que distingue a tragédia da comédia: uma se propõe imitar os homens, representando-os piores; a outra os torna melhores do que são na realidade” (ARISTÓTELES, *Arte poética*, 1448a). Para a melhor compreensão de questões relativas à língua, literatura e sociedade nas obras de Plauto, valho-me da sociolinguística, com base nos estudos que podem ser consultados em *The latin forms of address* (DICKY, 2002). A percepção das *address forms* trabalhadas pela autora em *Poenulus* proporciona nova luz neste período de riqueza cultural que permanece influenciando a modernidade.

A mulher e o poder na Roma Republicana: Terência e Fúlvia

Francisco de Assis Florencio (doutor — UERJ)

Pretendemos, com o nosso trabalho, trazer à discussão a participação da mulher na política romana durante o período republicano. Dentre as mulheres que faziam parte do tabuleiro político desse período histórico, destacamos duas: Terência e Fúlvia. A primeira foi o exemplo típico da matrona romana não apenas por desempenhar com maestria as atribuições a ela impostas por aquela sociedade, mas também e principalmente por ir além de seu papel de mãe, esposa e *mater familias*. Esposa de Cícero, teve a sua vida totalmente transformada quando seu marido foi exilado. A partir daí, teve que cuidar sozinha não apenas de sua casa, mas também dos negócios da família e de suportar as vicissitudes pertinentes a uma esposa de exilado: vergonha, afrontas e desafios outros quase insuportáveis para uma mulher sem marido. A segunda mulher a ser analisada, Fúlvia, ainda que não se descuidasse de suas atividades como matrona, seguiu um caminho diferente de Terência. Ela se destacou principalmente por aceitar desafios fora da *domus*. Ávida pelo poder, torna-se inimiga de Cícero, casa-se com Marco Antônio, seu terceiro marido, na esperança de “subir as escadas da fama” e conseguir, enfim, ser uma mulher mais poderosa e mais influente. A relação de seu marido com Cleópatra não a incomodava provavelmente porque a sua concorrente estava longe e, em segundo lugar, porque não representava perigo para suas ambições políticas. Foi uma domina tão corajosa que, estando seu marido no Egito, liderou, na companhia de Lúcio Antônio, suas tropas contra as tropas de Augusto nas batalhas conhecidas como Guerra de Perúsia.

Fábula esópica e coesão cívica no *Ab Urbe Condita* II. 32.5-12, de Tito Lívio

Gabriel Castilho de Andrade Gil (doutorando — UFMG)

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam

O objetivo desta comunicação é a apresentação e análise das circunstâncias de elocução da fábula *O Estômago e os Membros*, contada, conforme o historiador romano Tito Lívio, pelo estadista Menênio Agripa, no contexto de uma das várias querelas entre patrícios e plebeus do período republicano romano. A importância dessa fábula transcende a situação de enunciação descrita pelo historiador antigo, visto que sua narrativa é guiada por uma metáfora de natureza próxima à do “corpo político”, que, por sua vez, será recorrente em teorias políticas estabelecidas a partir do fim do período medieval. Três procedimentos auxiliares serão empregados no cumprimento desse objetivo. Introdutoriamente, realizaremos um comentário acerca de algumas ocorrências precedentes da fábula esópica como ferramenta discursiva mediadora entre os propósitos cívicos e políticos de um orador e um vasto público. Os exemplos anedóticos dos oradores Demóstenes e Dêmades serão priorizados. Em sequência, procuraremos endossar que Menênio Agripa pode ser inserido numa tradição que prevê a conveniência do emprego da fábula em assembleias e outras circunstâncias contempladas pela retórica cívica. Ainda que fragmentariamente atestável, tal tradição parece já ser considerada, por exemplo, na *Retórica* (II, 1394a), de Aristóteles. Por fim, comentaremos a percepção, sustentável tanto no texto em análise quanto nos outros exemplos mencionados, de que a fábula se consolidou como um dispositivo retórico associado a um grande público, frequentemente julgado como “inculto” e “grosseiro”.

As Referências Socráticas no Livro I das *Diatribai* de Epicteto

Gabriel Heil Figueira da Silva (mestrando — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Rainer Guggenberger

Pretende-se apresentar uma seleção da lista completa das alusões e citações socráticas no livro 1 das *Diatribai*, quer dizer, os casos nos quais Epicteto alude ao Sócrates ou cita discursos proferidos pelo Sócrates platônico e xenofônico. Além do levantamento, será apresentada uma análise de como Epicteto usa Sócrates ao longo da obra, expondo as ocasiões nas quais Sócrates é citado e aludido. Em base disso, refletir-se-á sobre as funções das respectivas referências socráticas dentro da obra. No que diz respeito às citações, serão expostas as diferenças entre as citações como feitas por Epicteto e a obra da qual foram tiradas (no caso os diálogos socráticos de Platão e de Xenofonte), do ponto de vista linguístico.

“Leitor, preste atenção”: o conto de Cupido e Psique como narrativa folclórico-literária

Gabriel Paredes Teixeira (mestre — LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

Em 1955, o folclorista sueco Jan-Öjvind Swahn propôs uma leitura do famoso conto de Amor e Psique — apresentado por Apuleio, na obra *Metamorfoses* — como uma narrativa construída a partir dos temas folclóricos nº 425 e 428 do Sistema Aarne. Naquele mesmo ano, em resenha apresentada na *Revue des Études Anciennes*, Pierre Grimal corroborou a tese principal de Swahn, afirmando que o conto nada mais é que uma variante literária de um tema folclórico. Embora tenha sido amplamente aceita nos anos seguintes ao seu lançamento, como atestam os escritos de Grimal (1955) e Wright (1971), a tese se tornou obscura. Atualmente, não é raro que tal conto seja tratado como uma fonte mitológica — dentro e fora da academia. Esta comunicação tem como objetivo retomar a tese de Swahn, seguindo um caminho oposto. Enquanto o autor se valeu de um estudo comparativo entre o texto de Apuleio e outras narrativas folclóricas, procuraremos demonstrar no interior do próprio texto latino evidências que nos apontem para a natureza folclórica desta passagem.

***Medea Fracta* — uma análise das personagens da tragédia *Medeia* de Sêneca**

Gabriele Oliveira Rodrigues (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Pedro Schmidt

A presente pesquisa procura, a partir da identificação dos diferentes gêneros literários existentes na tragédia *Medeia* de Sêneca, bem como seus possíveis efeitos na narrativa, fazer uma análise de algumas personagens da obra de acordo com o gênero em que estão inseridas, de modo que seja possível relacionar o *continuum* de ocorrências genéricas com o de caracterização de personagem. Para isso, parte-se do princípio que essas mesmas funções podem influenciar, ou mesmo determinar, uma série de aspectos de forma e conteúdo, além de características formais e temáticas dos textos; logo procura-se encontrar na obra elementos que sejam indicadores significativos de marcas genéricas, tomando como base teórica funções específicas que são veiculadas aos gêneros literários e suas propriedades quanto à realização de tipos próprios. A partir do reconhecimento dos gêneros que se diferem da tragédia, busca-se indicar as diferentes personas literárias presentes na obra, e também as possíveis intenções do narrador e os efeitos provocados nos leitores e espectadores por meio desse emprego. Com isso, é possível alcançar uma leitura mais detalhada da peça e buscar uma aproximação ao

entendimento de Sêneca do que seria o gênero trágico em sua época.

Cristianismo paulino e o estoicismo: uma análise comparada

Ian Ferreira Bonze (graduando — LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

A partir da dominação do Mediterrâneo, após as Guerras Púnicas, o Império Romano foi marcado por uma vasta rede de rotas comerciais terrestres e marítimas que favoreceu trocas de produtos, de informações, de culturas etc., ocasionando em uma reorganização das fronteiras internas e externas, integrando toda a região conquistada. Nesta nova conjuntura sociopolítica, múltiplas manifestações culturais, ao existirem paralelamente, criaram um processo de mútua influência. Este contexto possibilitou o surgimento do cristianismo enquanto um novo movimento filosófico e religioso na região da Judeia, inserindo-se nessa relação de amplas influências culturais. Ao romper com as fronteiras internas, o cristianismo se espalhou por diversas regiões do Mediterrâneo, sobretudo a partir da missão paulina de fundação de comunidades cristãs e da construção de uma rede de interação entre elas com as suas correspondências. Ademais, também é a partir desse processo de integração que o estoicismo ganhou maior espaço no Império. No século I d.C., o nome mais importante desta filosofia era Sêneca. Haja vista que ambas as manifestações culturais coexistiram paralelamente em lugares estratégicos e que o modelo de Evangelho paulino é fortemente marcado por uma doutrinação moral, a presente pesquisa tem como objetivo analisar, comparativamente, a *Carta de Paulo aos Romanos* e as *Cartas de Sêneca a Lucílio*, a fim de encontrarmos as semelhanças entre a moral presente na filosofia estoica e no cristianismo paulino, percebendo-o como fruto do Império Romano.

Políticas de unificação linguística e territorial: o que o Império Romano ensinou à Itália?

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves (doutor — Instituto Federal Fluminense)

O cenário político e linguístico do que hoje se conhece como Itália era, até pouco mais de um século atrás, uma junção disforme de reinos divididos e conflitantes entre si. Apenas em 1861 é que o país passou por seu processo de unificação sociopolítica e linguística, sendo um dos mais recentes da Europa. Ao mesmo tempo, já desde muitos séculos essa “ideia de unificação” esteve presente, como no trabalho dos literatos dos séculos XII, XIV e XV na criação de uma língua vernácula comum. Nossa proposta é discutir o quanto o Império Romano possibilitou à região itálica as primeiras sementes de uma unificação político-linguística que viria a germinar no século XIX e que culminaria com a criação do Estado-nação Itália.

Oralidade e Escrita em tensão, no contexto de transmissão do *euangéllion* do 1 séc. A. D

Jessica Candida Ferreira (graduanda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

Este trabalho tem como objetivo apresentar as mudanças ocorridas nos sentidos e usos do termo *euangéllion*, tanto no mundo romano helenístico quanto no mundo judaico, onde foram transmitidas “as boas novas” referentes à vinda do Messias (1 séc. A.D.). Em sua referência mais antiga (*Odisseia* XIV v. 152), o termo dizia respeito à recompensa por uma boa notícia e só vem assumir o sentido de “boas novas” à época de Cícero. Tal mudança, por extensão metonímica, será examinada à luz do pressuposto dos teóricos da oralidade de que “o meio é a mensagem” (MacLuhan 1951,1972). Para elucidar esse ponto, serão examinados os contextos e os modos de comunicação próprios dos primórdios do Cristianismo, especificando seus lugares de fala. Com o cumprimento das Escrituras, pela suposta vinda do Messias, houve uma necessidade crescente de se desenvolver uma argumentação que desse conta de explicar a relação desse acontecimento prévio, transmitido em forma de proclamação, com os textos das Sagradas Escrituras - principalmente em sua versão grega dos setenta, a *Septuaginta* - lidos nas sinagogas todo o sabbath. Desse modo, busca-se compreender como se deu a transmissão oral desse *euangéllion* que está na base de formação do Evangelho literário, assumindo um evidente contexto de analfabetismo, no qual a maior parte dos discípulos de Cristo, encarregados de propagar esse *euangéllion*, não eram homens letrados e nem possuíam formação intelectual para ter acesso crítico às Escrituras.

Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps

Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito (graduando — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da pesquisa “Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps”. Nosso primeiro contato com a referida obra deu-se por ocasião de nossa participação no projeto “Os clássicos no acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional”, em que atuamos ao longo de 2018. A ideia de traduzirmos a referida obra surgiu de nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de que ela se encontra ainda inédita em português. Além disso, buscávamos desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, colaborando com determinados setores da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Medievo. Até agora, em nossa pesquisa, dedicamos os cinco meses iniciais ao levantamento e leitura de livros e artigos sobre o autor, a obra em questão e seu contexto histórico-cultural. Simultaneamente, procedemos a uma tradução dos primeiros 30 versos, cujo excerto foi selecionado para esta apresentação como amostragem inicial de nosso trabalho.

Emoções e epítetos emocionais na *Odisseia*

João Pedro Barros Guerra Farias (graduando — LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

As maneiras de sentir e de pensar são uma marca de todas as sociedades. No entanto, os estudos sobre as emoções ainda são um campo recente, principalmente para a Antiguidade. Os documentos literários tanto do período Arcaico quanto do Clássico são preenchidos de momentos em que as emoções recebem grande destaque. Isso significa que tais períodos possuem, sem dúvida, uma ampla possibilidade de análise das emoções e emotividades que marcavam as sociedades de então. Na *Iliada*, por exemplo, Homero, poeta do século VIII a.C., utiliza-se de uma emoção específica como tema central de sua obra: a cólera de Aquiles. No entanto, esta comunicação tem como objeto analisar as emoções e os epítetos emocionais em outra obra do aedo, a *Odisseia*, utilizando duas referências metodológicas: a História das emoções e a Antropologia das emoções. As emoções escolhidas foram o medo e a tristeza, pois, curiosamente, esses são os dois sentimentos que mais aparecem durante a épica. No decorrer da nossa pesquisa, foi possível perceber que epítetos são associados não apenas a heróis (por exemplo, “Odisseu, o astucioso”), mas também a emoções, na grande maioria das vezes, ligados ao *êtor* (geralmente traduzido como coração), órgão ligado ao assento dos sentimentos. Isso porque segundo nossa hipótese, o aedo se utilizava de tais epítetos emocionais para marcar tanto uma métrica como também as emoções de um determinado momento da aventura para os seus ouvintes.

Ateísmo na Antiguidade: indícios de criminalização institucional e repúdio social

Jônatas Ferreira de Lima Souza (mestre — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Karol; Profa. Dra. Arlete José Mota

No princípio do século IV A.E.C., umas das principais acusações atribuídas ao personagem platônico Sócrates foi a de implantar novos *daímones* (“ἕτερα δὲ δαιμόνια καινὰ”, Plat. *Apol.* 24b) na *pólis* ateniense. Acompanhado dessa, também houve a acusação de corromper jovens e negar os *theoi* cridos da sua própria cidade. Como é conhecido, Sócrates recebeu pena capital. Afinal, por que “negar θεός” ou negar ou implantar “novos δαίμονες” fora considerado tão pernicioso à sociedade antiga, neste caso, à grega? O que disso ainda repercute em nossa sociedade? Esta comunicação trará ao ouvinte fontes que consideraremos exemplares e pontuais para a história do ateísmo antigo, a fim de que, nesse mundo mediterrânico, documentos não gregos sejam postos à mesa e nos ajudem a refletir sobre um contexto que provavelmente rompeu fronteiras linguísticas e culturais, figurando recorrentemente em diversas culturas separadas por montanhas, vales, desertos, grandes lagos e rios, isto é, o contexto de culto e crença aos entes que chamamos divinos, seres celestiais, da natureza em si, além de pessoas ditas excepcionais. Para tal abordagem investiremos no estudo das crenças antigas explorado por Souza (2019), que traz diversas teorias que visam elucidar esse aspecto polêmico e sensível da história do pensamento humano para contextos circunvizinhos à Hélade, em particular: ao egípcio, mesopotâmico, israelita e judaíta. Dessa forma, esta atividade terá por principal objetivo mostrar hipóteses que localizam o fator divino em épocas e contextos anteriores ao século VI-IV A.E.C., protagonizado por sociedades não helênicas, e sumariamente verificar o indivíduo envolvido com a problemática “ateísta” e suas prováveis implicações locais. Nessa ótica, pensamos contribuir para a lógica de um mediterrâneo de povos em processos de integração, mesmo que nem sempre tais conexões tenham sido realizadas de forma consciente ou proveitosa entre os envolvidos.

Jogos didáticos em latim: contexto, ludismo e interdisciplinaridade

Larissa Barreto Castineiras (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “O aprendizado de latim por meio de jogos didáticos”. A pesquisa partiu do pressuposto de que o uso de jogos didáticos pode ser uma estratégia eficiente para estimular e mediar o aprendizado de língua latina em qualquer segmento do ensino, seja o Nível Fundamental, Médio ou Superior. Para tal, trabalhamos com a compreensão de que o ensino de língua deve se adequar ao contexto do público-alvo e a suas demandas. Nessa instância, propomos a elaboração de jogos didáticos a serem empregados numa abordagem de ensino de latim voltado às necessidades criadas por determinadas disciplinas que compõem a grade curricular do aluno, a depender do nível em que ele se encontre. Nesta apresentação, discutiremos alguns pontos essenciais para nossa pesquisa, como aspectos da organização do Ensino Básico, conceitos relacionados a jogo, sua utilização no ensino e princípios de aprendizagem de língua. Nossa fundamentação teórica está baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, definidos pelo Ministério da Educação e Cultura, em Johan Huizinga (2000), H. Douglas Brown (2006) e Tizuko Kishimoto (2002).

A batalha pela *Res Publica* através das cartas: o papel da epistolografia nas obras filosóficas de Cícero

Lucas Amaya (doutorando — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Anderson Martins

Não há dúvidas que o nome mais importante da prosa latina do período republicano é Marco Túlio Cícero, autor de diversas obras em diversos gêneros. Decerto ele é o maior, quando não o primeiro, a desenvolver diversos gêneros literários em Roma, dentre eles a epistolografia. Porém, quando se fala das cartas de Cícero, costuma serem lembradas apenas as atuais 4 coletâneas, *ad Familiares*, *ad Quintum*, *ad Brutum* e *ad Atticum*, enquanto, na realidade, diversas de suas obras filosóficas são espelhadas em características do gênero epistolar, em diferentes graus, de forma que a introdução de temas éticos principalmente se fizesse de forma natural. Esta comunicação visa à análise dos gêneros de tais obras, focando os mecanismos epistolares usados por Cícero.

Verbos Irregulares Gregos

Lucas Feitosa Bezerra (graduando — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Rainer Guggenberger

No decurso do extenso e labutoso estudo de grego clássico, encontramos formas verbais e verbos um tanto quanto peculiares. Em sua maioria, estes verbos não nos permitem, a partir apenas do presente, identificar seus radicais nos demais tempos e aspectos. Denominamo-os, então, “verbos irregulares”, sendo que alguns deles são usados com frequência no grego antigo. A língua grega, na origem da formação de sua conjugação, estruturou-se em tempora não sempre baseados em raízes idênticas, mas, os verbos, posteriormente, integraram-se num único sistema de flexões — essa característica de ausência de conjugações sistemáticas propriamente ditas é um resquício do indo-europeu. Como tema do presente trabalho, propõe-se uma verificação sinótica e comparativa de um conjunto de listas de verbos irregulares. A metodologia selecionada para a dada pesquisa é a qualitativa, fundamentando-se na análise de um corpo bibliográfico selecionado previamente. Cabe explicitar que a pesquisa qualitativa busca obter dados descritivos que explicam os fenômenos.

Bibliografia:

PARREIRAS HORTA, Guida Nedda Barata. *Os gregos e seu idioma: curso de iniciação à cultura helênica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora J. di Giorgio & Cia, 1978.

RAGON, Éloi; *Gramática grega* (tradução Cecília Bartalotti; supervisão: Luiz Alberto Machado Cabral). 1. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2011.

A Níobe ovidiana e o paradigma da *mater orba*

Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva (graduando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo

A dor da mãe pela perda de um filho compreende uma expressiva simbologia da dor da perda, reunindo em si o sofrimento intenso de uma mãe enlutada. Ovídio, em suas *Metamorfoses* (VI, 146-312), apresenta, através da personagem Níobe, cuja fonte mais antiga é Homero (*Iliada*, XXIV, 602-619), um modelo emblemático de luto, que se reverbera e se intensifica por todas as perdas sofridas por uma mãe que vê a morte cruel dos níobidas. Nesse sentido, Níobe se configura como um paradigma mitológico da *mater orba*, de uma mãe órfã, que representa, ao mesmo tempo, o vazio de quem

perdeu uma parte de si e a força de quem precisa seguir. Tomando como base a edição crítica de Georges Lafaye (1955) e guiados pelos estudos de De Luce (1982), Loraux (1994) e Cristina Santos Pinheiro (2007 e 2012), propomo-nos, nessa etapa da pesquisa, observar os elementos retórico-literários que constituem a representação do paradigma da *mater orba*, como um arquétipo mitológico da profunda dor da perda e, ainda, se as representações iconográficas remontam a versão ovidiana do mito.

Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*: algumas considerações

Lucia Pestana da Silva (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Esta comunicação objetiva apresentar algumas considerações acerca dos resultados obtidos do projeto de Iniciação Científica intitulado “Glossário de topônimos latinos do Brasil, em *Historia navigationis in Brasiliam*”. O corpus pesquisado do pastor, missionário e escritor francês Jean de Léry (França, 1536 - Suíça, 1613), foi selecionado na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. A obra referida apresenta quantidade significativa de topônimos latinos do Brasil e é considerada uma importante narrativa sobre o território brasileiro do séc. XVI. A pesquisa partiu do pressuposto de que a elaboração de um glossário de topônimos latinos do Brasil é de suma importância para um determinado setor da sociedade, a saber, historiadores, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim sobre o território brasileiro, seja para fins de tratamento, seja para busca, localização e leitura. Além disso, os topônimos latinos do Brasil ilustram o processo de renovação do léxico latino durante o Humanismo, servindo ao estudo de procedimentos de criação de neologismos em latim. Nesta apresentação, de acordo com o andamento da pesquisa, exporemos estratégias utilizadas na composição de verbetes para glossário.

Análise das reconstruções performáticas do fragmento de *Orestes* de Eurípedes

Luciana Brivio (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Rainer Guggenberger

O presente trabalho visa apurar a evolução da notação musical do fragmento de um dos coros de *Orestes* de Eurípedes (Estásimo I, v. 338-344), analisando, sobretudo, as suas contradições e imprecisões encontradas nas reconstituições de Théodore Reinach e de um autor anônimo realizadas ao longo do período da descoberta do fragmento. O fragmento apresenta parte do Estásimo I, cantado por um coro teatral apresentado pelas mulheres de Argos, que foi encontrado em 1892 em Hermópolis, no Egito e que conta com a respectiva notação musical. A respeito do texto musical escrito, a tarefa que se propõe neste trabalho é a elucidação da correlação entre o texto manuscrito e do fragmento no papiro, focando na análise das reconstruções dos dois autores modernos confeccionando uma versão própria. A respeito da performance musical do estásimo, pretende-se elaborar uma versão da música antiga, buscando a que mais se aproxima da prática performática do teatro ateniense do século V antes de Cristo. Parte-se do princípio que “A palavra música tinha para os Gregos um sentido mais lato do que aquele que hoje lhe damos. Era uma forma adjetivada de musa ...” (GROUT; PALISCA, 2007, p.19), sendo uma fusão do canto, poesia e dança. Assim, este trabalho se propõe a uma reconstrução das anotações musicais do fragmento de *Orestes*, conforme os moldes performáticos gregos.

Bibliografia:

PEREIRA, Aires Manuel Rodeia dos Reis. *A estética musical em Aristóxeno de Tarento*. Humanitas. Vol. XLVII 1995.

PEREIRA, Aires Manuel Rodeia dos Reis. *A mousiké: das origens ao drama de Eurípedes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

REINACH, Théodore. *A música grega* [tradução Newton Cunha]. São Paulo: Perspectiva, 2011.

O século de Augusto (27 a.C-14 d.C) e as mães romanas: uma análise da construção da maternidade como um dever cívico

Luisa Amado Monteiro (graduanda — LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

De acordo com a historiadora francesa Yvonne Knibiehler, no mundo antigo a função materna sempre esteve presente nos mitos ou como objeto de considerações filosóficas. No que diz respeito ao estudo sobre a mulher-mãe romana, consideramos os anos subsequentes à Crise da República, mais precisamente o Principado de Augusto (de 27 a.C a 14 d.C),

um período que oferece documentação abrangente para o nosso objeto. Em 31 a.C, Otávio — filho adotivo e herdeiro de Júlio César — reuniu em torno de si uma série de títulos, que lhe concediam desde o comando das tropas militares até o direito de falar em nome do povo e presidir as reuniões do senado. Com poder e soberania ilimitados, Otávio foi chamado pela primeira vez de Augusto em uma sessão do senado em janeiro de 27 a.C. Iniciava-se, assim, uma era de construções ideológicas que prometiam felizes auspícios, de religião entre os homens e os deuses. Apesar do florescimento econômico, a carestia de cidadãos romanos aparecia como um obstáculo à manutenção da ordem dirigente; por isso o *princeps* buscou na promulgação de uma legislação a solução para os problemas demográficos. As leis sancionadas em 18 a.C tinham o objetivo de regular a moral sexual a fim de aumentar a taxa de natalidade, mas, principalmente, apareciam como um artifício de dominação e “domesticação” da atuação em sociedade das mulheres, restringindo-as a desempenhar um papel restrito ao seio familiar. Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa é analisar a criação política de um ideal de maternidade durante os anos iniciais do Império. Levando em consideração a reforma moral e o código de leis, nossos objetivos são identificar qual era o ideal construído — quais eram as virtudes e funções evocadas — e compreender quais os fatores políticos que levaram a essa construção em específico.

Os personagens tirânicos de Platão: os casos de Cálicles e Trasímaco

Luiz Eduardo Freitas (doutorando — USP)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho

Personagens construídos nos Diálogos de Platão, Cálicles e Trasímaco são figuras peculiares. Além de serem dois dos mais elaborados representantes da tirania na obra platônica, são também retratados como os interlocutores mais arredios à refutação socrática. Suas motivações anti-democráticas, assim, são expressas não só através da teoria política que expõem, mas também pelo modo como se comportam na discussão. Cálicles é o último personagem a dialogar com Sócrates no *Górgias*. Ele estabelece uma hierarquia entre natureza (*phusis*) e lei (*nomos*) a partir da qual vai defender que, segundo a natureza, o justo seria o homem mais forte possuir mais que o mais fraco. Trata-se, explicitamente, de uma defesa da tirania, fundamentada em um hedonismo segundo o qual teria a vida mais feliz aquele que mais tivesse posses das quais usufruir. Ao mesmo tempo, Cálicles ridiculariza a figura do filósofo, a quem chama de “ridículo, efeminado e merecedor de umas pancadas” (485c1-2), e mostra-se pouco disposto a dialogar nos termos socráticos habituais. Já Trasímaco, interlocutor a quem Sócrates mais dedica atenção no primeiro livro da *República*, defende uma tese política parecida: a justiça seria a conveniência do mais forte. Ele baseia-se em uma sucinta análise de conjuntura para defender a sua posição; afirma que cada governo (democracia, monarquia) institui um modelo diferente de regime, segundo a conveniência de quem está no comando. Embora lance mão de outros regimes para exemplificar sua tese política, defende abertamente a vida do tirano, que “arrebata os bens alheios a ocultas e pela violência, quer sejam sagrados ou profanos, particulares ou públicos” (344a8-b1). Ao contrário de Cálicles, no entanto, Trasímaco mostra alguma disposição para mudar de opinião. Na presente comunicação, exploraremos algumas das semelhanças e diferenças entre os dois personagens, de modo a elucidar a crítica de Platão ao modo de vida tirânico.

Que República? Qual Democracia? A experiência das sociedades cívicas da Antiguidade e os dilemas do Brasil atual

Manuel Rolph Cabeceiras (doutor — UFF)

A proposta da comunicação é encetar uma reflexão a partir da pesquisa sobre os princípios, valores e mecanismos de funcionamento das duas mais significativas repúblicas da Antiguidade a servirem de inspiração para a chamada democracia ocidental. É fato: apropriadas Atenas e Roma, apropriados pelas Revoluções Americana e Francesa quem dos antigos pensou as práticas políticas dessas cidades (Heródoto, Tucídides, Platão, Aristóteles, Políbio, Salústio, Cícero, Tito Lívio e Tácito entre outros), a esse patrimônio grecorromano continuam se remetendo mesmo quando, como não poderia deixar de ser, os desdobramentos de uma ou outra revolução se distancia dessas decantadas “raízes”. Ora, se assim lastreado, Moses Finley, quando proferiu em 1972 as três conferências que constituíram a espinha dorsal de *Democracy Ancient and Modern*, publicado no mesmo ano, pode convocar os antigos gregos para uma crítica radical à democracia ocidental, hoje tal crítica requer ampliar o debate chamando os romanos para a mesa. Afinal, lição deixada pelos próceres tanto de uma quanto de outra vertente da “cidade antiga”, é corroída por dentro a democracia que não se fundamenta em instituições republicanas totalmente avessas a qualquer personalismo.

(Des)continuidades na categorização do sistema nominal latino ao longo da tradição

Marcelle Mayne Ribeiro da Silva (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Neste trabalho, observaremos categorizações relativas ao sistema nominal latino, para delinear algumas rupturas e continuidades em autores que abordaram a língua latina ao longo da Antiguidade, Medieval e Renascença italiana. Consoante Peter Burke (2014), o Renascimento não foi um período de ruptura tão brusca com o Medieval e de retomada instantânea de ideias clássicas, como defende Jacob Burckhardt (2009). O confronto de abordagens de ambos os estudiosos do Renascimento instigou-nos a questionar o grau de inovação do pensamento renascentista frente ao medieval. Dessa forma, optamos por dar início às nossas reflexões a partir dos *Rudimenta grammatices* de Niccolò Perotti, obra impressa 1473, em Roma. Nosso objetivo será comparar a categorização do sistema nominal latino proposta por Perotti com as de autores consagrados que pensaram a língua latina. Examinaremos, ainda, as principais influências desses autores, a fim de verificarmos, em suas categorizações do sistema nominal latino, relações entre Antiguidade, Medieval e Renascimento.

***Ficta persona*: o espaço autobiográfico em Fedro**

Marcelo Rocha Brugger (doutorando — UFMG)

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam

Reconstituir o perfil de uma pessoa através de registros, quaisquer que sejam, não é tarefa simples. Textos, fotografias ou retratos estão sempre sujeitos ao olhar de seus autores; pois o registro, ainda que uma tentativa de aproximação da realidade da vida de outra pessoa, é uma narrativa. É a partir desta premissa que apontaremos o espaço autobiográfico de Caio Júlio Fedro considerando a definição do termo proposta por Arfuch (2010). Feito isso, mostraremos, ainda, como o conceito de pacto autobiográfico, proposto pela mesma autora, pode tornar movediças as apresentações que Fedro fez de si, podendo o autor ter, como propõe Champlin (2005), simulado não apenas a matéria de Esopo, mas também sua persona. Este trabalho tem, então, como objetivo propor uma leitura da persona do fabulista Fedro a partir de seus prólogos e epílogos dos livros I, II e III, tentando perceber, em meio às apresentações dos livros, a presença de *fictis fabulis* não apenas nas narrativas declaradas, mas também no próprio espaço autobiográfico do autor.

Desejo pelo poder: filosofia e política em Platão

Marcos Tadeu Neira Miranda (doutorando — USP)

Orientador: Prof. Dr. Evan Keeling

A união de domínios que por ora se encontram apartados — a filosofia e a política — é o fulcro da bem conhecida proposição platônica do filósofo-rei, união sem a qual não cessarão os males para as cidades existentes e mesmo para o gênero humano. À apresentação da condição sem a qual não poderá efetuar-se a cidade imaginada por Sócrates e seus interlocutores, seguem-se as críticas a ela, conformes a opinião comum e já antes previstas por Sócrates, perceptível em seu medo em submergir sob uma onda de risos. Ora, no limite, trata-se de enfrentar o caráter paradoxal desta tese, qual seja, fazer da conjunção de filosofia e política a salvação para as comunidades humanas, sendo a filosofia — tal como nos é figurada por Platão — um domínio dos mais afastados das coisas da cidade, de suas lutas intestinas e disputas pelo poder. Nesta construção de uma imagem da filosofia em antagonismo ao mundo da política, Platão nos apresenta uma figuração de Sócrates, o filósofo morto pela cidade sob o regime democrático, mas que, por pouco, não foi morto anos antes sob o regime antagonônico a este. Sócrates representa, com efeito, a contramão do *modus operandi* dos negócios da política, e sua não participação efetiva em nenhum dos partidos da cidade (novamente, segundo a representação platônica) indica uma chave de leitura para a compreensão da tese do filósofo-rei, bem como para o que se poderia denominar uma boa política. Tudo somado, pode-se afirmar que a colocação do poder nas mãos do filósofo deslinda um critério fundamental para caracterizar um bom governo: o exercício do poder político por parte daqueles que não o desejam.

Marcial e a propaganda política: um esboço sobre a adulação ao imperador Domiciano

Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha (doutoranda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Arlete José Mota

Este trabalho tem como objetivo apresentar um pequeno esboço sobre o modo como Marcial adula o imperador Domiciano nos seus epigramas. Em um primeiro momento, serão apresentados alguns aspectos sobre a vida e obra do poeta, como também alguns pormenores da vida e do governo do *princeps* adulado. Ainda será exposta a forma como Marcial relata o vício da adulação em seus personagens, para que, assim, seja observada a maneira como o próprio poeta realiza tal ação. Ao realizar a adulação ao imperador Domiciano, o poeta faz uma espécie de propaganda do governante em troca

de benefícios e ganhos pessoais.

Ártemis e os cnídios: identidade e integração em contextos de crise

Mateus Mello Araujo da Silva (mestrando — UFF-NEREIDA)

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Para as *poleis*, os cultos e jogos cívicos eram uma importante ferramenta na construção de identidades locais, regionais e até mesmo pan-helênicas. Durante o período helenístico, esses jogos foram responsáveis tanto pela coesão da comunidade cívica quanto pela sua integração nas redes das demais cidades e dos grandes reinos forjadas em um contexto político e militarmente complexo. Através da documentação epigráfica, a comunicação abordará especificamente o caso do culto e dos jogos dedicados a Ártemis na cidade de Cnido, localizada na Cária (Ásia Menor), e suas possíveis significações para a população local no contexto dos séculos III e II a.C.

A cidade como corpo: por uma estética do lugar em Platão

Matheus Oliveira Damiano (doutorando — PPGF-IFCS-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Henrique Cairus

O objetivo deste trabalho é explorar algumas passagens do corpus platônico em que a cidade é tomada como um corpo cuja ordem pode ser visualizada devido a sua totalidade. De modo geral, o ordenamento das partes de um todo é, em Platão, um procedimento de organização espacial que aproxima a corporeidade com a composição do cosmos e com a estrutura da cidade. No entanto, a percepção dessa ordem espacializada requer uma certa visualização do todo. Assim, ao analisar algumas dessas passagens presentes, sobretudo, nos diálogos *Timeu* e *Crítias*, buscaremos delinear quais são os critérios legitimadores dessa percepção da totalidade do lugar, que fazem dele um modelo visível, e portanto, corporal, do justo e do belo.

O poema *Aetna*: uma abordagem comparativa com Virgílio

Matheus Trevizam (doutor — UFMG | UNICAMP)

Nesta comunicação, intentamos uma primeira abordagem do poema conhecido como *Aetna*, o qual já se incluiu na *Appendix Vergiliana* apesar de datável, mais provavelmente, de meados — ou pouco depois — do século I d.C. Examinando alguns constituintes básicos dessa obra, todos fundamentais para sua inserção na poesia didática antiga — a exemplo das figuras do *magister* (“mestre”) e do *discipulus* (“aluno”), do assunto “científico” que é matéria de seu ensinamento e das digressões mítico-narrativas —, pretendemos determinar em que medida esse texto se aproxima, ou distancia, das *Geórgicas* de Virgílio, devido a ter-se estabelecido tal poeta prévio, independentemente de questões de autoria, ao modo de um importante referencial compositivo para o anônimo escritor de *Aetna*. Um ponto adicional a ser visto no cotejo entre *Aetna* e as *Geórgicas*, para além dos elementos de base supracitados, é o aspecto que se tem chamado, na crítica de Virgílio, “polifonia” (GALE, 2000, p. 11). Esse conceito corresponde ao fato de muitas vezes não haver, em textos similares às *Geórgicas* e, acrescentamos, também ao *Aetna*, absoluto “fecho” e/ou coerência no tratamento de certas questões fulcrais para a tessitura teórica dos poemas em jogo, como quanto ao detalhe de se dar, ou não, a intervenção divina nos mecanismos da vida rústica (*Geórgicas*) ou do vulcanismo (*Aetna*). Com efeito, estudos afins aos de Gale (2000, p. 11 et seq.), Volk (2005, p. 79) e Grimal (2004, p. 429) apontaram, no tocante aos respectivos poemas didáticos de Virgílio e do anônimo “vulcanólogo” romano do século I d.C., que ora os autores se associam, em suas explicações da Natureza, a um racionalismo assimilável, talvez, à matriz Epicurista de Lucrecio; ora, a concepções um pouco mais espiritualizadas, como quando parecem divisar no mundo natural “maravilhas” cuja efetiva compreensão demanda a recorrência, inclusive, a deuses ou forças numinosas atuantes sobre o Universo.

Basileis e ánaktes: senhores e estruturas de poder em Homero

Rafael de Almeida Semêdo (mestre — USP | UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. André Malta

Nesta comunicação, investigam-se a etimologia e o uso dos termos *basileús* e *ánax*, bem como a relevância dessas denominações dentro das estruturas de poder na *Iliada* e na *Odisseia*. Pretende-se responder às seguintes questões: 1) a que heróis o poeta atribui cada título? 2) Existe uma relação de subordinação (vertical) ou de paridade (horizontal) entre os

mesmos? 3) Há consistência no uso de tais termos? 4) Existe uma estrutura política bem definida nos poemas homéricos?

Catálogo de Ilustrações sobre indígenas no acervo da Biblioteca Nacional

Raysa Ortiz Blyth (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Esta comunicação objetiva apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “Catálogo de ilustrações sobre indígenas em obras raras no acervo da Biblioteca Nacional”. Tal tema de investigação foi escolhido, levando-se em consideração o fato de que as ilustrações sobre indígenas são de suma relevância para pesquisadores e profissionais que lidam com fontes primárias sobre índios compreendidos no que se considera atualmente o território brasileiro, seja para fins de tratamento dessas fontes (catalogação, descrição etc.), seja para busca, localização e consulta das mesmas. A pesquisa desdobrou-se do projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, realizado na Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Nossa proposta de pesquisa consiste, fundamentalmente, na elaboração de um catálogo de ilustrações sobre indígenas impressas em avulso ou em livros raros, depositadas no acervo da FBN. Subsidiariamente, objetivamos também elaborar notas de conteúdo sobre esses itens que serão inseridas nas fichas catalográficas das obras raras abrangidas por esta pesquisa, para fins de otimização de suas descrições na base *on-line* da referida instituição. Metodologicamente, a pesquisa estrutura-se em três etapas: 1) levantamento, reprodução e catalogação das gravuras de temática indígena no acervo em questão; 2) levantamento bibliográfico de informações fundamentais para a pesquisa como a biografia dos ilustradores identificados, seus respectivos contextos históricos, principais obras e técnicas utilizadas. Nesta apresentação, exibiremos e comentaremos algumas gravuras de Théodore de Bry (1528-1598), que retratou, na obra *Americae tertia pars memorabile provinciae Brasiliae historiam continens* (1592), cenas do ritual de canibalismo dos índios tupinambás na então colônia portuguesa, utilizando, como modelo, esculturas de artistas clássicos e neoclássicos.

A representação das Musas na poesia horaciana

Renan Moreira Junqueira (doutor — UFRJ)

Desde as mais antigas manifestações poéticas ocidentais de que se tem conhecimento, era comum que os poetas solicitassem às Musas inspiração. Na poesia horaciana, contudo, o *tópos* da invocação às divindades inspiradoras não só é preservado, mas também é ampliado a uma relação de amizade extraordinária. Por meio da presente comunicação, portanto, busca-se demonstrar de que forma Horácio evidencia, a partir da alusão às Musas, a sua *ars* e o seu *ingenium*, bem como representa, a partir de uma ligação afetuosa com as referidas divindades, o seu amor pela poesia e o seu desejo de alcançar a perfeição artística.

Homero híbrido: a tradução da *Iliada* por Odorico Mendes

Renan Paiva da Silva (graduando — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz de Paoli

Nesta comunicação apresentaremos alguns resultados parciais de minha pesquisa de Iniciação Científica, que tem como objetivo examinar e problematizar as traduções da *Iliada* para a língua portuguesa realizadas por tradutores brasileiros, a saber: a de Odorico Mendes, em versos decassílabos, de 1874; a de Carlos Alberto Nunes, em versos núnicos, de 1945; a de Haroldo de Campos, em versos dodecassílabos, de 2002; e a de Christian Werner, em versos livres, de 2018. Primeiramente, faremos uma introdução ao universo de cada tradutor e de sua época, bem como do projeto tradutório de cada um deles; em seguida, iremos nos concentrar na tradução de Odorico Mendes, discutindo trechos selecionados, em que serão consideradas as suas propostas tradutórias, com enfoque em sua principal: a de concisão.

A crítica da riqueza em Eurípides

Renata Cardoso de Sousa (doutora — LHIA-UFRJ)

Objetivamos, na presente comunicação, analisar como Eurípides criticava a riqueza excessiva e como ela era vista como um indicativo não só de alteridade, mas também de etnicidade. Para tal, utilizaremos a Análise do Discurso como metodologia, bem como os próprios conceitos de identidade-alteridade, propostos por Marc Augé, e de etnicidade, trabalhado por Fredrik Barth.

Cerveja, Psicopatologia Fundamental e Cultura: um exercício de abdução a partir de uma leitura do *Velho Testamento*

Romero Jasku Bastos (mestre — UFRRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Marques Parracho Sant'Anna

A presente comunicação apresenta uma proposta de investigação cujo principal objetivo é analisar e interpretar, do ponto de vista da relação entre psicopatologia fundamental e cultura, o fato de que quase não existe nenhuma referência à cerveja no *Velho Testamento*, enquanto há cerca de duzentas referências ao vinho (FORSYTH, 2018, p. 69). O paradigma indiciário — desenvolvido a partir das pesquisas do historiador italiano Carlo Ginzburg e no qual a abdução tem um papel de suma importância - constitui o quadro de referência que orienta a análise e a interpretação dos textos bíblicos (GINZBURG, 1989). O indício para a abdução é a palavra hebraica *sheikhar*, ora traduzida como “cerveja”, mas que, muito provavelmente, designava “um tipo bastante forte de grapa ou vinho” (FORSYTH, 2018, p. 69). Parte-se do pressuposto de que os textos que compõem o *Velho Testamento* podem ser considerados um tipo especial de discurso (“*logos*”) sobre o sofrimento (“*pathos*”). Posição e *Pathos* são, portanto, “palavras que definem o campo de trabalho em questão”. (BERLINCK, 1997). Neste sentido, trata-se de fazer uma leitura do *Velho Testamento* à luz tanto da posição na qual se encontravam os antigos israelitas no contexto da época em que os textos bíblicos foram escritos quanto do sofrimento (“*pathos*”) pelas mãos de assírios e babilônios - impérios em ascensão que impuseram derrotas devastadoras aos hebreus, forçando-os ao exílio das terras que acreditavam ter sido prometidas a eles por Deus.

Bibliografia:

BERLINCK, Manoel Tosta. O que é Psicopatologia Fundamental. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 13-20, 1997.

FORSYTH, Mark. *Uma breve história da bebedeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Etimologia, poesia e profecia: o nome próprio na tragédia grega

Sharon Suane Silva do Carmo (graduanda — UFRJ)

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz de Paoli

Jogos de palavras com nomes próprios são frequentes na tragédia grega. Um clássico exemplo é o jogo de palavras que o Coro de anciãos da tragédia *Agamêmnon* de Ésquilo faz com o nome de Helena, criando para ele uma etimologia que revela a destruição a que homens, navios e cidades estavam fadados por sua causa. Subjaz a este expediente a ideia de que o nome próprio pode prenunciar o destino de um indivíduo ou revelar a sua verdadeira natureza. Daí o famoso provérbio que, em sua forma latina, diz *nomen est omen*: o nome é um presságio. Nesta comunicação, veremos como os três grandes tragediógrafos se valeram desse recurso em suas obras, analisando exemplos de *Agamêmnon*, de Ésquilo; *Ájax*, de Sófocles; e *Bacantes*, de Eurípedes.

Personagens homéricas e suas diferentes interpretações: sereias e o feminismo

Tayná Sanches Pereira Costa (doutoranda — UFRJ)

Orientadora: Prof. Dra. Heloísa Buarque de Hollanda

Homero tornou-se modelo para outros poetas posteriores; seus renomados poemas, oriundos de uma cultura oral, vêm inspirando não apenas o meio literário, mas a sociedade de modo geral a reproduzirem o mito inicial das Sereias e Odisseu. No decorrer dos séculos, esse mito inaugural foi adquirindo novas interpretações: as Sereias passaram a metáforas políticas e sociais, além de metamorfosearem-se, entre outros aspectos, em símbolos eróticos. Nosso intento é demonstrar, portanto, de que maneira essas Sereias, na sociedade moderna, tal qual na arte contemporânea, apresentam características e motivos que as aproximam de alguns movimentos feministas.

As *Heroinae* de Júlio César Escalígero, seleção e tradução

Thamara Martins Santos de Moraes (graduanda — UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “As *Heroinae* de Júlio César Escalígero,

seleção e tradução”. A ideia de traduzirmos a referida obra surgiu de nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de que ela se encontra ainda inédita em português. Além disso, buscávamos desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), colaborando com determinados setores da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Renascimento. A principal fonte de informação de nossa pesquisa é *Julii Caesaris Scaligeri, viri clarissimi, poemata omnia in duas partes divisa* (1621), que se encontra depositada na Divisão de Obras Raras da FBN. Até agora, em nossa pesquisa, dedicamos os quatro meses iniciais ao levantamento e leitura de livros e artigos sobre o autor, a obra em questão e seu contexto histórico-cultural. Simultaneamente, procedemos à tradução de três poemas selecionados das *Heroinae*, que exibiremos nesta apresentação como amostragem inicial de nosso trabalho.

Sexo e punição na poesia latina

Weberson Fernandes Grizoste (doutor — UEA)

Uma reflexão sobre a sexualidade na Antiguidade Greco-Latina pode conduzir a uma compreensão da sexualidade moderna, tendo em vista que temas bem discutidos atualmente já lá figuravam. Boa parte da estigmatização contemporânea que sofrem mulheres e homossexuais pode ser compreendida se estudarmos as relações de sexo e poder em Roma, bem como a origem das palavras de baixo calão que usamos diariamente. São as palavras de baixo calão que possibilitam entender as relações de poder e sexo encontradas já no período romano. Desde cedo o ato sexual passivo assumiu feições punitivas, seja por parte do agente ativo, seja por parte daquele que o presencia (o que poderia comportar efeitos punitivos para o ato sexual, como na *Priapeia* 13, em *Catulo* 16 e também 21, em que o poeta ameaça punir seus adversários submetendo-os sexualmente; isso também se vê em Horácio: *Sermo*.1.2). Nem era “o facto de duas pessoas do mesmo sexo manterem entre si uma relação que suscitava reservas (...) a diferença era entre ser sujeito ou ser objeto da penetração” (ANDRÉ, 2006, 176; VEYNE, 2008, 229). O vocabulário latino fazia toda uma distinção entre ser sujeito e ser objeto da penetração. Para a penetração vaginal, a forma ativa era *futuere* e a passiva *crisare*; para penetração anal, a forma ativa era *pedicare* e a passiva *ceuere*; para sexo oral a forma ativa era *irrumare* e a passiva *felare* (ANDRÉ, 2006, 178; vide ADAMS, 1982). Nos finais da República, sob influência do helenismo, os tabus caíram por terra e o desejo sexual foi assumido sem ambiguidades (ANDRÉ, 2006, 91-92). A poesia, como revela André (2006, 92), de alguma forma, faz o retrato da evolução dos costumes em Roma, desde a “severidade” filosófica de Lucrécio, passando pelo erotismo de Ovídio, até a dissolução retratada por Marcial.

ÍNDICE POR AUTORES

[Abrahão Joaquim de Santana](#)
[Álvaro Alfredo Bragança Júnior](#)
[Amanda Alevato de Sant'Anna](#)
[Amanda Lemos Fontes](#)
[Amanda Lisbôa Marinho da Silva](#)
[Amanda Prima Borges](#)
[Amanda Reis dos Santos](#)
[Andrezza de Oliveira Santos Pequeno](#)
[Antonio Lessa Kerstenetkzy](#)
[Ariane Souza da Silva](#)
[Arlete José Mota](#)
[Artur de Freitas Gouvêa](#)
[Beatriz Cardeal da Silva](#)
[Braulio Costa Pereira](#)
[Bruce Willis Porto Lemos](#)
[Camila Alves Jourdan](#)
[Carlos Augusto de Oliveira Carvalho](#)
[Carlos Eduardo Schmitt](#)
[Caroline Caetano de Freitas](#)
[Caroline Honoratto Teles](#)
[Clara Lacerda Crepaldi](#)
[Claudia Beltrão](#)
[Claudia dos Santos Gomes](#)
[Daniel Nascimento](#)
[Danilo Oliveira Nascimento Julião](#)
[Debora Deziderio Souto](#)
[Douglas de Souza Liborio](#)
[Eduardo Boechat](#)
[Eduardo Duarte Moreira](#)
[Elaine Guedes de Barros](#)
[Elio Marques de Souto Junior](#)
[Érika Vital Pedreira](#)
[Esther da Silva Martins](#)
[Esther Marques Ferreira de Almeida](#)
[Fabiana Martins Nascimento](#)
[Fábio Faversoni](#)
[Fábio Frohwein de Salles Moniz](#)
[Felipe Marques](#)
[Félix Jácome](#)
[Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza](#)
[Francisco de Assis Florencio](#)
[Gabriel Castilho de Andrade Gil](#)
[Gabriel Heil Figueira da Silva](#)
[Gabriel Paredes Teixeira](#)
[Gabriele Oliveira Rodrigues](#)
[Gustavo Frade](#)
[Ian Ferreira Bonze](#)
[Isaias Rosa da Silva](#)
[Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves](#)
[Jessica Candida Ferreira](#)
[Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito](#)
[João Pedro Barros Guerra Farias](#)
[Jônatas Ferreira de Lima Souza](#)
[Katia Teonia Costa de Azevedo](#)
[Larissa Barreto Castineiras](#)

[Lucas Amaya](#)
[Lucas Feitosa Bezerra](#)
[Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva](#)
[Lucia Pestana da Silva](#)
[Luciana Brivio](#)
[Luisa Amado Monteiro](#)
[Luiz Eduardo Freitas](#)
[Manuel Rolph Cabeceiras](#)
[Marcelle Mayne Ribeiro da Silva](#)
[Marcelo Rocha Brugger](#)
[Marco Colonnelli](#)
[Marcos Tadeu Neira Miranda](#)
[Maria de Nazareth Eichler Sant'Angelo](#)
[Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha](#)
[Mariana Correia Jabor](#)
[Marlon Yuri Jesus](#)
[Mateus Mello Araujo da Silva](#)
[Matheus Oliveira Damião](#)
[Matheus Trevizam](#)
[Paulo Butti de Lima](#)
[Pietro Marchiori](#)
[Priscilla Gontijo Leite](#)
[Rafael de Almeida Semêdo](#)
[Raysa Ortiz Blyth](#)
[Regina Maria da Cunha Bustamante](#)
[Renan Moreira Junqueira](#)
[Renan Paiva da Silva](#)
[Renata Cardoso de Sousa](#)
[Rhenan Carlos Araujo Pinheiro](#)
[Rodrigo de Souza Dantas](#)
[Romero Jasku Bastos](#)
[Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha](#)
[Sharon Suane Silva do Carmo](#)
[Tayná Sanches Pereira Costa](#)
[Thamara Martins Santos de Morais](#)
[Thays Souza](#)
[Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda](#)
[Vladimir Puzone](#)
[Wallace Pontes de Mendonça](#)
[Weberson Fernandes Grizoste](#)
[Zelma Zaniboni](#)